

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

BRENO SILVA MARTINS

**O SACERDOTE E AS PERIFERIAS EXISTENCIAIS:  
O AGIR PASTORAL DIANTE DA DEPRESSÃO E DO SUICÍDIO**

Goiânia  
2022

BRENO SILVA MARTINS

**O SACERDOTE E AS PERIFERIAS EXISTENCIAIS:  
O AGIR PASTORAL DIANTE DA DEPRESSÃO E DO SUICÍDIO**

Monografia apresentada à  
Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás, para a  
obtenção do grau de bacharel  
em Teologia, sob a  
orientação do Prof. Dr. Pe.  
Elismar Alves dos  
Santos, C.Ss.R.

Goiânia  
2022

Elias teve *medo*; levantou-se e partiu para salvar a vida. [...] Fez pelo deserto a caminhada de um dia e foi sentar-se debaixo de um junípero. *Pediu a morte, dizendo: "Agora basta, Iahweh! Retira-me a vida, pois não sou melhor que meus pais."* Deitou-se e dormiu debaixo do junípero. Mas eis que um Anjo o tocou e disse-lhe: *"Levanta-te e come."* Abriu os olhos e eis que, à sua cabeceira, havia um pão cozido sobre pedras quentes e um jarro de água. Comeu, bebeu e depois *tornou a deitar-se*. Mas o Anjo de Iahweh veio pela segunda vez, tocou-o e disse: *"Levanta-te e come, pois do contrário o caminho te será longo demais."* Levantou-se, comeu e bebeu e, depois, *sustentado por aquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até à montanha de Deus, o Horeb.*

I Rs 1, 3-8.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente, a Deus, por tudo que Ele deu-me sem o meu merecimento, por seus dons, por pura gratuidade.

À diocese de Ipameri, de modo especial, na pessoa do meu bispo Dom José Francisco Rodrigues do Rêgo.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás e ao seu corpo docente, que me proporcionaram um horizonte de novos conhecimentos no campo teológico.

À minha família, pelas orações e pelo companheirismo.

À equipe de formação do seminário São João Maria Vianney.

A minha gratidão a todos os professores, em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Elismar Alves dos Santos, C.Ss.R., aos leitores do meu trabalho monográfico, Prof. Dr. Pe. Cristiano Faria dos Santos e Prof. Ms. Pe. Luiz Gonzaga Lobo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos meus irmãos de turma, Diác. Eulrieris, Filipe, Leandro, Warley e Wesley, pela convivência e fraternidade: eu não me esquecerei de vocês. Deus os abençoe imensamente!

## RESUMO

Em seu magistério, o Papa Francisco incentivou a Igreja a evangelizar, não só as periferias territoriais, mas também, as periferias humanas. Tal motivação eclesial parece ser extremamente oportuna e urgente, sobretudo em um mundo pós pandêmico, em que não é difícil constatar o aumento das crises existenciais diagnosticadas, como o transtorno da depressão, e de situações que levaram, e levam, ao óbito, por causa do suicídio. E a história mostra que a Igreja nunca ficou alheia às dificuldades de seu tempo, mas sempre procurou, à luz do Evangelho, responder e apontar caminhos para os desafios da humanidade. Em vista disso, o tema do presente trabalho é: “O sacerdote e as periferias existenciais: o agir pastoral diante da depressão e do suicídio”. Neste sentido, as questões brotam das seguintes especulações teológicas: Como a Igreja, por meio de seus sacerdotes, pode ajudar os fiéis que padecem da depressão e de ideias suicidas? Há um sentido para o sofrimento? Como entender a depressão e o suicídio? Tais indagações ajudarão a adentrar às reflexões teológicas que serão feitas, auxiliando, assim, o leitor a refletir sobre o valor do sacerdote e sua importância na atuação pastoral no mundo, sobretudo, frente aos sofrimentos do homem.

**Palavras- Chaves:** Igreja; Sacerdote; Sofrimento; Depressão; Suicídio.

## RÉSUMÉ

Le pape François, dans son magistère, a encouragé l'Église à évangéliser non seulement les périphéries territoriales, mais aussi les périphéries humaines. Une telle motivation ecclésiale semble être, surtout dans un monde post-pandémique, extrêmement opportune et urgente. Par conséquent, il n'est pas difficile de voir l'augmentation des crises existentielles, diagnostiquées par le trouble dépressif et les situations qui ont conduit à la mort par suicide. Et l'histoire montre que l'Église n'a jamais été préoccupée par les difficultés de son temps, mais elle a toujours cherché, à la lumière de l'Évangile, à répondre et à indiquer les chemins vers les défis de l'humanité. Par conséquent, le thème de cet ouvrage est: "Le prêtre et les périphéries existentielles : l'action pastorale face à la dépression et au suicide". En ce sens, les questions qui se posent à partir des spéculations théologiques sont les suivantes: comment l'Église, à travers ses prêtres, peut-elle aider les fidèles souffrant de dépression et d'idées suicidaires? Y a-t-il un sens à la souffrance ? Comment comprenez-vous la dépression et le suicide? De telles questions aideront à entrer dans les réflexions théologiques qui seront faites et pourront ainsi ajouter au lecteur sur la valeur du prêtre et son importance dans l'action pastorale dans le monde, en particulier face aux souffrances de l'homme.

**Mots-clés:** Église; Sacerdoce; Souffrance; Dépression; Suicide.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 CONTEXTO ATUAL E A CONTRIBUIÇÃO ECLESIAL .....</b>	<b>11</b>
1.1 Desafios atuais e a confusão contemporânea.....	11
1.2 A contribuição da Igreja na história da civilização.....	14
1.3 O imperativo do anúncio: Uma Igreja em saída .....	18
<b>2 O SACERDOTE E A PASTORAL .....</b>	<b>21</b>
2.1 Cristo e a instituição do sacerdócio .....	21
2.2 O sacerdote como animador Pastoral.....	24
2.3 Pai espiritual: Conhecedor dos mistérios de Deus e mestre do coração humano .	27
<b>3. PERIFERIAS EXISTENCIAIS: A DEPRESSÃO E O SUICÍDIO.....</b>	<b>32</b>
3.1 Uma neurose coletiva: um olhar para a realidade humana. ....	32
3.2 O mal dos transtornos depressivos e do pensamento suicida .....	35
3.2.1 Transtornos Depressivos .....	36
3.2.2 Suicídio.....	38
3.3 Reflexões pastorais diante das periferias humanas .....	42
3.3.1 Sacerdote: “Não sejamos uma Igreja que não chora diante dos dramas de seus filhos”.....	42
3.3.2 Sacerdote: “É preciso permitir que a alegria da fé desperte uma firme confiança mesmo no meio das piores angústias”.....	45
3.3.3 Sacerdote: “Deus convida-te a fazer o que podes e a pedir o que não podes”.....	48
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

A história mostra que a Igreja nunca ficou alheia às dificuldades de seu tempo, mas sempre procurou, à luz do Evangelho, responder e apontar caminhos para os desafios da humanidade<sup>1</sup>. É nesta perspectiva que o objetivo do presente estudo consiste em apresentar uma reflexão teológica sobre algumas dificuldades existenciais do homem contemporâneo, revelando, ao mesmo tempo, a ação pastoral da Igreja, a qual possui, como animador pastoral, o sacerdote.

O tema do trabalho é “O sacerdote e as periferias existenciais: o agir pastoral diante da depressão e do suicídio”. Em um mundo que ainda sofre os efeitos da pandemia, não é difícil constatar o aumento das crises existenciais, diagnosticadas através do transtorno da depressão e de situações que levaram, e levam, ao óbito por causa do suicídio. Longe de esgotar tal problemática e de apresentar soluções pontuais diante do drama existencial da depressão e do suicídio, a questão que se coloca é: como a Igreja, por meio de seus sacerdotes, pode ajudar os fiéis que padecem da depressão e de ideias suicidas?

O Papa Francisco, em seus sermões, relembra a Igreja de sua identidade missionária e a incentiva sempre a ser uma Igreja em saída, uma Igreja que vai ao encontro dos outros, não só nas periferias territoriais, mas, também, nas periferias humanas<sup>2</sup>. Assim, os conflitos humanos e os colapsos existenciais, também são alvo da ação missionária da Igreja, pois isso é “lugar” de anúncio do Evangelho, “lugar” de pastoral.

A Igreja conhece bem o homem, porque conhece também a Cristo. Ela, sendo a portadora e guardiã da Revelação Divina, por seu caráter milenar, é “perita em humanidade”<sup>3</sup>, e sabe indicar, com precisão empírica e clareza de fé, os caminhos de reconciliação do ser humano consigo mesmo, os quais passam, impreterivelmente, pela reconciliação do homem com Deus. Assim como o anjo, que anima, alimenta e insiste para que o profeta Elias continue a caminhar, mesmo que cansado e sem ânimo para viver e lutar (I Rs 18, 3-8), o sacerdote que anima com a Palavra, também alimenta a

---

<sup>1</sup> Cf. Compêndio **CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II**. Convocação Conciliar. p. 11.

<sup>2</sup> CF. EG 46.

<sup>3</sup> Paulo VI, Discurso à ONU em 1965.



Igreja com os sacramentos e deve assistir, com o acompanhamento personalizado, às pessoas que se veem cansadas e desanimadas diante da vida.

Para a defesa deste ponto, este estudo foi organizado em três capítulos. No primeiro, há uma reflexão sobre os desafios da atualidade e como uma falsa concepção antropológica pode deturpar e interpretar erroneamente a natureza humana. Também há, nesse momento, uma discussão acerca da relevância histórica da Igreja para a humanidade. Enquanto instituição teológica, concreta e pragmática, ela é a maior instituição caritativa do mundo, sendo incontáveis as suas prestações de assistência, em diversos campos de atuação, ao longo desses dois milênios. Isso mostra o quanto a Igreja Católica se preocupa com o humano e o espiritual.

O segundo capítulo trata da estrutura organizacional da pastoral eclesial e do papel singular de animador que o sacerdote ocupa, por vontade Divina, nessa mesma pastoral. Este, por ofício apostólico, apascenta o rebanho como colaborador dos Bispos, agindo, assim, na Pessoa de Cristo. Aprofundar a discussão sobre a natureza e a missão do sacerdote é importante para justificar sua pastoral nas periferias existenciais. Embora a reflexão esteja centrada, aqui, no papel do sacerdote como animador pastoral, em hipótese alguma pretendemos apontar uma estrutura eclesial clericalista, que contrarie os documentos atuais da Igreja sobre o protagonismo laical. Nossa postura se justifica apenas pela limitação temática da escolha do estudo.

O terceiro capítulo, já dentro do território existencial de missão, aborda duas situações difíceis e extremamente presentes na atualidade: o transtorno depressivo e o pensamento suicida. Dois dramas desafiadores, complexos e abrangentes para se trabalhar, mas que fazem parte do grande e irremediável fato existencial chamado sofrimento humano. Em relação a estes fatos, foram discutidas as formas pelas quais o sacerdote pode indicar caminhos diante do sofrimento provocado pela depressão e pelo suicídio, revelando, por conseguinte, um caminho gradual e sistemático que demonstre um verdadeiro sentido para o sofrimento humano. Sabendo, pois, que a vida de Cristo ressignificou todo o sofrimento, transformando-o em triunfo, Ele indicará sempre ao seu povo, por meio de sua Igreja, o caminho a seguir.

Em relação às fontes consultadas, foram utilizadas, majoritariamente, fontes católicas, a Tradição da Igreja, a Sagrada Escritura e o Magistério atual do Papa Francisco. Diante de algumas reflexões eclesiais, buscou-se ajuda em teólogos e historiadores e, no que concerne às questões existenciais da *psique* e de colapsos

humanos, não hesitamos em recorrer a importantes psiquiatras e psicólogos, como Viktor Frankl e Rollo May, a fim de melhor esclarecer a reflexão proposta.

As bases de reflexão, citadas e propostas para pensar o tema, não empobrecem o trabalho, nem comprometem sua fiabilidade e a segurança da pesquisa teológica. Partiremos de pressupostos teóricos teológicos-filosóficos-psicológicos, seguros e claros, a fim de se obter conclusões plausíveis e razoáveis. O método utilizado foi o hipotético dedutivo, colocado em prática através das conclusões obtidas a partir de leituras de pensadores de diversas áreas e debates com orientadores e pesquisadores.

Espera-se que, após a leitura do trabalho, o leitor possa compreender o valor do sacerdote e sua importância na atuação pastoral no mundo, sobretudo diante dos sofrimentos do homem, em específico, os depressivos e aqueles que levam as pessoas a pensar em interromper a própria vida. Nunca se deve esquecer: sempre há esperança e ela não decepciona (Cf. Rm 5,5). Portanto, há uma pergunta que perpassa toda a reflexão do trabalho: qual o caminho a ser percorrido quando o sacerdote se depara, na pastoral, com pessoas que sofrem de depressão e de ideias suicidas?

## 1 CONTEXTO ATUAL E A CONTRIBUIÇÃO ECLESIAL

### 1.1 Desafios atuais e a confusão contemporânea

As estruturas antropológicas, nos tempos hodiernos, estão cada vez mais divergentes das gerações passadas. Como bem disse o Documento de Aparecida: “Vivemos uma mudança de época”<sup>4</sup>. Essa “mudança de época” significa que a maneira pela qual as pessoas lidam com os seus problemas, suas dores e seus sofrimentos, tornou-se distinta. A configuração interior da pessoa humana mudou e está mudando cada vez mais. Isto acontece porque a própria sociedade, como um todo, está passando por uma séria e preocupante transformação.

Atualmente, não se vive mais debaixo do prisma cosmoteológico, como na Idade Média<sup>5</sup>. Outro fato, não menos desastroso, a razão humana, aquela capaz de chegar a verdades universais claras, evidentes e indubitáveis<sup>6</sup>, se mostrou falha, já que a humanidade é incapaz de abarcar e apreender todas as realidades da existência humana. Perceberam-se razões no ser e no existir humano que a razão não pode conhecer<sup>7</sup>.

Outra menção sobre os motivos de significativas mudanças foi o sujeito inconsciente de Freud<sup>8</sup>. Freud descobriu que o homem não tem total controle de seus desejos, pensamentos e afetos, e, assim, é influenciado/determinado por “realidades” reprimidas, contidas em seu inconsciente. Esta descoberta abalou o sujeito racional/epistemológico do pensamento cartesiano. Agora, a visão do homem como um ser plenamente consciente de si e senhor de sua vontade passou a ser vista como mera ilusão, ultrapassada e superada.

A crise e a queda das certezas da modernidade geraram, na contemporaneidade, dois deuses: o ceticismo e o relativismo. Estas duas correntes filosóficas demonstram a impossibilidade de se chegar a uma verdade absoluta, e que, caso isso fosse possível, jamais seria uma verdade objetiva e universal. Se houvesse a possibilidade de se chegar, em alguma medida, a um *status* de verdade, este estaria vinculado a uma percepção

---

<sup>4</sup> O Documento de Aparecida foi o resultado da compilação das conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida – SP no ano de 2007. CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2009. (Referenciada DAp.).

<sup>5</sup> Cf. KOYRÉ, 2002.

<sup>6</sup> RENÉ, 1987, p. 46.

<sup>7</sup> PASCAL, 1979, p.107; Br. 282.

<sup>8</sup> Neurologista e psiquiatra austríaco. Freud foi o criador da psicanálise. Seu sujeito inconsciente está descrito em: Teoria da repressão (Freud, 1996, p. 26).

subjetiva do homem e, portanto, sempre relativa ao sujeito. Neste sentido, a famosa frase do sofista Protágoras, “O homem é a medida de todas as coisas”, é bastante pertinente ao assunto.

Destarte, em uma sociedade, na qual não é possível estabelecer uma verdade universal e objetiva, surge, como resultado, a falta de um referencial de valores objetivos e universais. A indicação de um bem agir e viver desaparece gradativamente. A política se transforma em permissivismo e o avanço tecnológico, em regressão humana. A este respeito, diz o DAp:

Um fator determinante dessas mudanças é a ciência e a tecnologia, com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos, e com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas. Como se costuma dizer, a história se acelerou e as próprias mudanças se tornam vertiginosas, visto que se comunica com grande velocidade a todos os cantos do planeta<sup>9</sup>.

As mudanças mencionadas se traduzem em uma sociedade acelerada, na qual as interações são simultâneas, superficiais e efêmeras, o que afeta o próprio núcleo do homem, isto é, a natureza íntima de sua estrutura interna, tornando-o incapaz de assimilar o mundo à sua volta e as pessoas que o circundam. O mesmo acontece com a apropriação da presença de Deus e o sentido da própria vida, de maneira geral. O progresso material não acompanha o moral, portanto, a busca pelos valores do Espírito<sup>10</sup> se encontra, na atualidade, enfraquecida. O sentido religioso é visto como uma ameaça ao direito e à felicidade do indivíduo e este fato acaba gerando a ideia de uma autonomia humana absoluta, que recusa a dependência de Deus<sup>11</sup>. Na atualidade, recusar Deus se confunde com uma falsa concepção de liberdade.

Em relação a esta questão, o Cardeal Ratzinger, em entrevista com Vittorio Messori<sup>12</sup>, faz uma observação interessante. Refletindo sobre a situação do mundo, o Cardeal afirma que a atual cultura “desenvolvida” quebrou o liame entre sexualidade e matrimônio e, posteriormente, desvinculou a sexualidade da procriação<sup>13</sup>. De acordo com o mesmo raciocínio, Ana Caroline Campagnolo afirma que “as mudanças culturais

---

<sup>9</sup> DAp. 35.

<sup>10</sup> Cf. Compêndio **CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II**. Convocação Conciliar. p. 10.

<sup>11</sup> CEC. 2126.

<sup>12</sup> RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio. **Relatório Sobre a Fé**. São Paulo: Escola Ratzinger, 2021.

<sup>13</sup> Cf. RATZINGER, 2021, p. 132.

modificaram os papéis tradicionais de homens e mulheres<sup>14</sup> [...] potencializando todas as suas dimensões humanas na convivência cotidiana, na família e na sociedade, às vezes por vias equivocadas”<sup>15</sup>. As mudanças apontadas pelo Cardeal Ratzinger e por Campagnolo são o resultado de um “desenraizamento da pessoa humana em sua natureza profunda”<sup>16</sup>, conforme afirma, ainda, o Cardeal.

As ações humanas se voltaram, não somente contra a cultura, mas contra a própria natureza de si mesmos e do mundo: “Cada um é livre para dar o conteúdo que quiser à sua libido pessoal. [...] É, portanto, natural que todas as formas de satisfação da sexualidade se transformem em “direitos” do indivíduo”<sup>17</sup>. Falta uma referência objetiva e sólida, para contrapor uma promessa mentirosa de uma autonomia absoluta da natureza humana, que só existe na teoria, mas nunca existirá na realidade.

Poder-se-ia, ainda, gastar parágrafos e mais parágrafos descrevendo as difíceis realidades contemporâneas, que são contrárias à natureza humana, e divergentes da integridade da fé<sup>18</sup>. Contudo, este não é o objetivo do trabalho. O propósito, aqui, é constatar, objetivamente, as mudanças sociais concretas, mesmo que superficiais, e averiguar que tais mudanças não correspondem à verdade do homem e nem à essência da Revelação Divina<sup>19</sup>.

<sup>14</sup> Cf. Ver quarto capítulo da obra “Feminismo: perversão e subversão” de Ana Caroline Campagnolo titulado “Subversão das identidades”. CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: Perversão e subversão**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

<sup>15</sup> DAp. 49.

<sup>16</sup> RATZINGER, 2021, p. 134.

<sup>17</sup> RATZINGER, 2021, p.133.

<sup>18</sup> Menciona-se, por exemplo, o grandioso número de pessoas e instituições que militam em favor do aborto, ou os grupos feministas que querem arrancar das mulheres seus bens mais preciosos, como o matrimônio e a maternidade, tudo em nome de uma revolução sexual ou em busca de supostos direitos da mulher (CAMPAGNOLO, 2019, p. 49). Também poderiam ser mencionadas as organizações políticas que tem como objetivo a destruição da família, a superação do “tabu” do incesto, da pedofilia e a promoção da ideologia de gênero (FIRESTONE, 1976. p. 59. p. 240), e, por fim, a guerra aberta contra o cristianismo e seus princípios de fé e verdade (NIETZSCHE, 2013. p. 93; § 62).

<sup>19</sup> Essas mudanças sociais só foram possíveis por causa de ideias, e ideias têm consequências. As ideias mudam e transformam a história. As mudanças, nos diversos períodos da humanidade, só foram possíveis, porque alguém as pensou, as previu e as anunciou. O fato é que as mudanças não acontecem do nada. Assim expressa Benjamin Wiker: “Infelizmente, os absurdos dos filósofos não se limitam às aulas de sofística e às suas especulações excêntricas. Elas podem ser – e têm sido – tão perigosos e nocivos quanto doenças mortais. E, como doenças, tais ideias letais podem infectar as pessoas sem que elas percebam. Se dermos uma boa olhada nos efeitos horríveis dessas ideias mortíferas, só poderemos chegar a uma conclusão: há livros que realmente estragaram o mundo; livros sem os quais estaríamos bem melhor agora”<sup>19</sup>. (WIKER, 2015, p. 9). “10 Livros que estragaram o mundo e outros cinco que não ajudaram em nada”. As antíteses das ideias nocivas à natureza humana, também são uma ideia. Preferimos o termo “Mensagem” ou “Anúncio”, que para a fé católica é uma mensagem, uma palavra que se encarnou, dando-se como ideia encarnada a todo coração humano. E é disso que se trata a fé católica: anuncia a Palavra ordenada, a ideia perfeita, diante de um mundo de caos, barulho e imperfeição.

## 1.2 A contribuição da Igreja na história da civilização

Mas, afinal, o que a Igreja Católica<sup>20</sup> tem oferecido à humanidade diante do seu drama? Diante de ideias estragadas e que deturparam a verdade do homem, do mundo e de Deus, o que a Igreja tem feito? São Paulo VI, no seu famoso discurso na Organização das Nações Unidas (ONU), por ocasião do vigésimo aniversário desta instituição mundial, dedicada a promover a paz e a colaboração entre os povos de toda a terra, afirmou, diante dos líderes globais: “Esta mensagem vem da nossa experiência histórica. [A Igreja] é perita em humanidade”<sup>21</sup>. Com esta afirmação, o Santo está evocando a grande experiência eclesial da economia da salvação, bem como de sua tradição milenar da história da humanidade.

Essa frase de São Paulo VI é extremamente forte, porque contradiz aquela falsa afirmação de que a religião é o ópio do povo<sup>22</sup>, e aponta para uma esperança que só a religião pode oferecer. Ao fazer apologia à religião, Pascal dizia: “É preciso começar por mostrar que a religião não é contrária à razão<sup>23</sup>, [...] é venerável; torná-la respeitável e; em seguida, amável [...]. Venerável, porque conheceu bem o homem; amável, porque lhe promete o verdadeiro bem”<sup>24</sup>.

Antes de nos determos nas contribuições da Igreja para a humanidade, é preciso esclarecer que a “Igreja está na história, mas ao mesmo tempo a transcende” (CEC 770). Isso significa dizer que qualquer católico desavisado sabe, minimamente, que a natureza eclesiológica da fé católica consiste na compreensão clara de que, embora a Igreja seja sinal do eterno, daquilo que é perene e perfeito no mundo, ela ainda continua

<sup>20</sup> No trabalho, os termos como Religião, Religião Católica, Igreja e Igreja Católica designam o sistema teológico e prático da Igreja Católica Apostólica Romana.

<sup>21</sup> (Paulo VI, Discurso à ONU em 1965) in: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_united-nations.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html).

<sup>22</sup> Karl Marx, na obra “Crítica da filosofia do direito de Hegel. Cf. MARX. 2010, p,145.

<sup>23</sup> A carta encíclica *Fides et Ratio* aborda o assunto de maneira admirável. Ao tratar sobre fé e razão, o Papa João Paulo II elucida que, tanto a razão, quanto a fé, têm a mesma origem e fonte: Deus. É justamente por isso que ambas apontam para o mesmo lugar. Fé e razão não se contrapõem, mas se complementam, como ensina a encíclica: “Não há motivo para haver concorrência entre a razão e a fé: uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização [...] (FR 17). A fé não teme a razão, mas solicita-a e confia nela. Como a graça supõe a natureza e leva-a à perfeição, assim também a fé supõe e aperfeiçoa a razão. Esta, iluminada pela fé, fica liberta das fraquezas e limitações causadas pela desobediência do pecado, e recebe a força necessária para elevar-se até o conhecimento do mistério de Deus Uno e Trino” (FR 43).

<sup>24</sup> PASCAL,1979, p.83; Br. 187.

pertencendo a este mundo terreno, imperfeito e passageiro. A Igreja é história caminhando para o eterno, embebida do eterno.

É necessário entender essa realidade bivalente, ou melhor, essa realidade paradoxal da Igreja, de maneira mais clara, pois nenhum apologeta sério e instruído sustenta que todos os eclesiásticos da Igreja tenham acertado em todas as suas decisões, no decorrer da história da Igreja<sup>25</sup>. Quanto a essa questão diz Ratzinger:

Os séculos da história da Igreja estão tão repletos de humano fracasso [...] que resposta podemos dar-lhes? Só podemos fazer uma profissão de fé, explicando por que, apesar de tudo, estamos em condições de amar esta Igreja, pela fé; por que ousamos, ainda e sempre, reconhecer, através do rosto desfigurado, a face da santa Igreja. [...] A palavra "santo", como já vimos, não denota em primeiro lugar a santidade de pessoas humanas, mas aponta para as dádivas divinas que distribuem santidade em meio à miséria humana. A Igreja é chamada de "santa", não porque todos os seus membros sejam santos, isentos de pecado [...] a santidade da Igreja consiste naquela força de santificação que Deus exerce nela, apesar da pecaminosidade humana<sup>26</sup>.

Essa premissa teológica é essencial ao desenvolvimento da eclesiologia Católica. Tal fato não deixa a Igreja refém de si mesma, mas confiante no Deus Uno e Trino que a pensou, a fundou e a sustenta cotidianamente<sup>27</sup>. Em desenvolvimento do que foi dito, e firmado na Revelação Divina, pode-se dizer que Deus Pai prefigurou a Igreja em seus desígnios salvíficos<sup>28</sup>. Que o Deus Filho instituiu a Igreja como parte integrante e essencial de sua missão redentora<sup>29</sup>: “Pedro tu és pedra e sobre essa pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16, 18). O Deus Espírito santifica a Igreja dando acesso ao Pai e ao Filho num mesmo Espírito<sup>30</sup>. É na Trindade que se encontra a raiz inequívoca da mensagem da Igreja, é na Trindade que se encontra toda a fonte de Santidade que sempre jorra, e continuará jorrando, até o fim dos tempos.

Aqui, a ação Trinitária de Deus realiza um pacto perpétuo com a humanidade, que a Teologia chama de “A nova aliança”. Essa aliança significa a contínua e irrevogável doação santificadora de Cristo à Sua Igreja. Jesus sempre presentifica, na sua Igreja, a sua santidade autêntica “escolhendo sem cessar, em amor paradoxal, as

---

<sup>25</sup> Cf. WOODS. 2008, p. 6.

<sup>26</sup> RATZINGER, 2006, p. 251.

<sup>27</sup> CEC 758.

<sup>28</sup> LG 2; CEC. 759.

<sup>29</sup> LG 3; CEC. 763.

<sup>30</sup> LG 4, CEC 767.

mãos poluídas dos homens para vasos de sua presença. É santidade que, como santidade de Cristo, se irradia no meio do pecado da Igreja”<sup>31</sup>

Neste sentido, é importante reiterar que a missão da Igreja é comunicar ao mundo a santidade de Cristo, presente no Evangelho em ações, obras e palavras. A Missão da Igreja é ser como um sacramento de Cristo no mundo, isto é, sinal visível da graça de Deus, traduzida nos mistérios salvíficos invisíveis dispensados à natureza humana<sup>32</sup>.

Contudo, não são poucas as críticas feitas à Igreja. Acusam-na de não cumprir sua missão, sobretudo, no período histórico da Idade Média. Dentre muitas outras acusações, podemos citar a de ter estagnado a ciência, impedindo o progresso científico; a de ser opressora, pela imposição de castigos e normas morais rígidas; a de monopolizar e elitizar o conhecimento, etc. Não são raras as vezes que tais acusações foram ensinadas em sala de aula, para alunos de ensino médio e universitário. Porém, nossos questionamentos são: estas acusações são verdadeiras? Como poderia o maior período da História da humanidade (Sec. V- Sec. XV) ser, do início ao fim, tão estéril e tenebroso, a ponto de quererem apagá-lo?

Para responder a tais indagações, é preciso voltar o olhar para a história, bem como ouvir os estudiosos que investigam a legitimidade das inúmeras acusações<sup>33</sup>. Le Goff, o grande historiador francês, afirma sobre tal assunto: “Admitimos cada vez menos que medieval seja sinônimo de atraso e selvagem. [...] O essencial é a inegável potência criadora da Idade Média”<sup>34</sup>. Thomas E. Woods, historiador estadunidense, por sua vez, afirma que: “Devemos muito mais à Igreja Católica do que a maior parte das pessoas – incluindo católicos – costuma imaginar. Porque, para ser exato, foi ela que construiu a civilização ocidental”<sup>35</sup>.

Nos últimos tempos, os historiadores da ciência<sup>36</sup> entenderam, de maneira quase unânime, que a revolução científica só foi possível por causa da Igreja Católica<sup>37</sup>. Sem

---

<sup>31</sup> RATZINGER, 2006, p. 166.

<sup>32</sup> LG 1

<sup>33</sup> Não nos deteremos, profundamente, neste assunto, devido ao tema do trabalho. Foi apontado somente o necessário para demonstrar a seriedade da Igreja, perante às dificuldades de todas as épocas e gerações.

<sup>34</sup> LE GOFF, 2016, p. 6.

<sup>35</sup> WOODS, 2008, p. 5..

<sup>36</sup> Alistair C. Crombie, David Lindberg, Edward Grant. Stanley Jaki, Thomas Goldstein e John L. Heilbron, dentre outros.

<sup>37</sup> Nicolau Steno, pai da geologia; Athanasius Kircher, pai da egiptologia; Rogério Boscovich, frequentemente, considerado o pai da teoria atômica moderna; a primeira pessoa a medir a taxa de



falar que nenhuma instituição no mundo deu mais apoio e investiu tanto nos estudos científicos, sobretudo a astronomia. No campo da literatura, quando a grande Roma sucumbia em fogo e caía no séc. V, foram os monges que salvaram e preservaram a herança literária do mundo antigo<sup>38</sup>.

No campo ético, a Igreja assumiu uma postura contundente na contribuição para a união dos povos e na possibilidade de diálogo com o diferente. Essa contribuição se alicerça no princípio da fraternidade universal, já que Cristo morreu e salvou a todos – “Quando Eu for elevado da terra atrairei todos a Mim” (Jo 12, 32) – essa salvação não só redimiu os pecados dos homens, mas, também, deu a eles a filiação divina: “Vede que manifestação de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos!” (I Jo 3, 1).

A filiação de todos a Deus gera uma fraternidade universal, pois, se todos são filhos de Deus, todos também são irmãos. É aqui que reside a beleza ética do cristianismo: os homens pertencem à mesma família, à família de Deus. Por conseguinte, agir mal contra o outro é agir mal contra um irmão, contra o seu familiar, e essa é a novidade cristã, presente até os dias atuais. É por causa da fraternidade universal que os homens podem dizer, quando rezam, “Pai *nosso*...”, pois todos fazem parte da fraternidade estabelecida por Cristo na Cruz e que foi selada com o seu próprio sangue Imaculado<sup>39</sup>.

Essa é a dádiva da Igreja para o ser humano, possibilitar que ele saiba, exatamente, o seu lugar no universo, a sua verdade e o seu propósito de existência. A Igreja é intérprete e guardiã do depósito da fé, do conteúdo do credo, dado por Deus na revelação para a humanidade em Jesus. Contudo, Deus no seu mistério revelatório,

---

aceleração de um corpo em queda livre, foi o pe. Giambattista Riccioli. Os jesuítas dominaram a tal ponto o estudo dos terremotos, que a sismologia ficou conhecida como "a ciência jesuítica". Para mais contribuições da Igreja nas descobertas científicas da modernidade, acesse o site: <https://www.catolicosnabiblia.com.br/idade-media-realmente-foi-a-realmente-das-trevas-entao-como-explicar-essas-invencoes-da-igreja-catolica>.

<sup>38</sup> Cf. WOODS, 2008, p. 8. Poderia ainda mencionar o sacerdote Francisco de Vitória, considerado pai do direito internacional, ou o código de direito canônico, como o primeiro sistema legal moderno na Europa, etc., contudo, as informações já mencionadas parecem suficientes.

<sup>39</sup> Cf. Ética Cristã Medieval em: VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 12ª Ed. Civilização Brasileira. Ver também capítulo três “Agostinho: O amor como princípio ético” in: **Ética em movimento: Contribuições dos grandes mestres da filosofia**. Orgs. SGANZERLA, Anos; FALABRETTI, Ericson; BOCCA, Francisco Verardi. Paulus, 2009.

revelou-se não somente a si mesmo no Cristo, verbo encarnado, mas também revelou o homem ao próprio homem<sup>40</sup>.

É exatamente por isso, que a Igreja pode contribuir com a realidade atual. Ela sabe quem é o homem na sua essência, na sua verdade, porque ela conhece a Cristo, e Cristo é verdadeiramente homem. Não há sombra de dúvidas que foi essa força teológica e histórica que levou o Papa Paulo VI a dizer que a Igreja é perita em humanidade. Nesse ínterim, se faz claro e lógico que a história, nua e crua, deponha a favor da Igreja, pois não foram poucas as vezes em que a humanidade foi amparada pelo sangue e pela vida dos santos católicos.

Por tais motivos, “A religião [...] nos ensinará para o nosso bem, os nossos deveres, as fraquezas que nos desviam, as causas dessas fraquezas, os remédios que podem curá-las”<sup>41</sup>. Não é por acaso, que a Igreja é chamada pelos títulos de *Mater et Magistra* – Mãe e Mestra – pois ela é educadora, ela orienta e indica o caminho de seus filhos à verdade, não só sobre Deus, mas sobre eles mesmos.

### 1.3 O imperativo do anúncio: Uma Igreja em saída

O grande problema é que a estrutura eclesial, atualmente, passa por uma grande dificuldade para transmitir a mensagem da verdade para a contemporaneidade. O Concílio Vaticano II buscou sanar essa questão, propondo o *aggiornamento*<sup>42</sup> – atualização/ renovação. Isso comprova que a Igreja se preocupa em tornar acessível, e compreensível, a mensagem contida no *depositum fidei*.

Bento XVI, ao refletir sobre a questão da transmissão da mensagem para a contemporaneidade, em seu livro “Introdução ao Cristianismo”, usa a famosa parábola do palhaço e da aldeia em chamas, de Kierkegaard. A história diz que, certa vez, aconteceu um incêndio em um circo ambulante. O dono do circo mandou que o palhaço,

---

<sup>40</sup> Cf. GS. 22

<sup>41</sup> PASCAL, 1979, p.140; Br. 430.

<sup>42</sup> O *aggiornamento*, para adequar a Igreja aos tempos atuais, não deve significar a mera adaptação a relações mutáveis, mas, sim, a abertura ao mundo moderno. O *aggiornamento* da Igreja, que era o objetivo do Concílio, não se verificou através da ruptura com a tradição, nem com a adaptação a um ambiente transformado; deu-se sobretudo de um *aggiornamento* que entrelaçou as tradições mais antigas, em parte esquecidas, com o tempo presente. Helmut Hoping, A Constituição Sacrosanctum Concilium. In: **As Constituições do Vaticano II, Ontem e Hoje**, 2015, p. 99-100.

que já estava vestido a caráter, fosse avisar a aldeia próxima “advertindo que existia o perigo de o fogo se espalhar pelos campos ceifados e ressequidos, com risco iminente para as casas do próprio povoado”<sup>43</sup> O palhaço chegou à vila e avisou sobre o fogo e o perigo que todos corriam, entretanto, as pessoas pensaram que se tratava de um belíssimo número de entretenimento. Então, o palhaço, desesperado, se empenhou ao máximo, para avisar sobre a verdade da mensagem, “Mas a sua insistência só fazia aumentar os risos, acharam excelente a sua performance –até que o fogo alcançou de fato a vila. Aí já era tarde”<sup>44</sup>.

Esta parábola é muito útil para se pensar a missão da Igreja, que possui uma mensagem verdadeira – corram, o fogo! – mas, por causa da roupagem, a mensagem não chega e não é crível aos corações. É preciso mudar a roupagem, porém, isto não significa ter que mudar a essência, e nem a mensagem. Mudar a roupagem é estar próximo dos interlocutores, aprender sua linguagem, para que, assim, a mensagem da vida chegue às pessoas, antes que seja tarde.

A este respeito, o Papa Francisco oferece, em seu magistério, valiosíssimos apontamentos pastorais, para que a mensagem de Jesus, anunciada e proclamada, seja ouvida. Os teólogos são unânimes, ao dizer que a linha mestra de seu pontificado está na sua “primeira” Carta encíclica, *Evangellii Gaudium*. Nesta carta, o Papa propõe e motiva uma Igreja em saída, acreditando que a religião é o remédio para os males do mundo. Ela tem a oferecer, para a humanidade, um grande tesouro de paz e libertação, por meio da fé e da Tradição. É com esta moção do Espírito, que o Papa Francisco aponta caminhos de evangelização: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo”<sup>45</sup>.

Ser Igreja em saída é colocar em prática a palavra de Deus, que constantemente se apresenta num dinamismo de êxodo, de saída. (Cf. Gn 12, 1-3; Ex 3,10; Jr 1,7; ...) Isso significa, particularmente, que o Senhor Deus chama a cada um a abandonar sua roupagem de palhaço, para se fazer próximo com sua realidade. Tal realidade indica um “sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”<sup>46</sup>, um anúncio que procura encarnar-se no contexto atual, com

---

<sup>43</sup> RATZINGER, 2006, p. 31.

<sup>44</sup> RATZINGER, 2006, p. 31.

<sup>45</sup> EG 49.

<sup>46</sup> EG 20.

suas belezas e mazelas, desafios e oportunidades, ganhos e perdas<sup>47</sup>. A este anúncio, sistemático e organizado pela Igreja, denomina-se ação pastoral eclesial.

A Pastoral pode ser descrita como a ação eclesial no mundo. Isto equivale a dizer que, a maneira pela qual Deus escolheu agir no mundo, foi a ação pastoral da Igreja<sup>48</sup>. É neste sentido, que o Concílio defende que a Igreja é como um sacramento de Cristo, capaz de ser o instrumento da união íntima com Deus e da unidade de toda a humanidade. A missão da Igreja, como continuadora da missão de Cristo, é o “*religare*” dos homens a Deus, e, concomitantemente, o “*religare*” dos homens entre eles mesmos. É desta palavra latina, “*religare*”, que advém a palavra religião<sup>49</sup>.

O agir pastoralmente da Igreja, como corpo místico de Cristo, é ser ponte para Deus, é ser sinal para o eterno neste mundo, e não apenas isto, mas é, também, ser um canal de reconciliação do homem com ele mesmo e seus semelhantes. Quanto a isso, a *Lumen Gentium* diz: “Cristo foi enviado pelo Pai ‘a evangelizar os pobres [...] a sarar os contritos de coração’ (Lc 4,18), ‘a procurar e salvar o que perecera’ (Lc 19,10). De igual modo, a Igreja abraça com amor a todos os afligidos pela enfermidade humana”. De fato, a Pastoral da Igreja abraça a miséria humana para que, tocando-a, ela possa ser santificada e transformada. Não há outra razão de ser para a Pastoral da Igreja, senão a de conduzir os homens a Deus.

---

<sup>47</sup> Cf. GE 1.

<sup>48</sup>Cf. BRIGHENTI, 2011, p. 17-18.

<sup>49</sup> Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 846.

## 2 O SACERDOTE E A PASTORAL <sup>50</sup>

### 2.1 Cristo e a instituição do sacerdócio

Deus, em seus desígnios, quis não somente fundar uma Igreja, mas dotá-la de vários ministérios<sup>51</sup>, sendo, um deles, o ministério apostólico, isto é, o ministério daqueles que herdaram a missão de Jesus, de anunciar, com integridade e verdade, a boa nova de Deus. Jesus, em sua vida terrena, instituiu os apóstolos para que pudessem apascentar o povo eleito,<sup>52</sup> que foi salvo e redimido, pelo seu sacrifício como sumo e eterno sacerdote (Cf. Hb 5, 5).

Destarte, numa perspectiva eclesial-teológica “nem todos tem a mesma função” (Rm 12, 4). Jesus quis instaurar uma Igreja hierárquica, pensando na continuação do anúncio do Reino e no prolongamento da Sua missão. Embora, na atualidade, se queira, em nome de um igualitarismo radical<sup>53</sup>, demonizar qualquer tipo de hierarquia, tal fato se mostra questionável, dentro da teologia<sup>54</sup> e da especulação bíblica, pois é evidente que Jesus formou um ciclo de comunidade mais íntima que denominou de apóstolos<sup>55</sup>.

Jesus “subiu à montanha, e chamou a si os que Ele queria, e eles foram até Ele. E constituiu Doze, para que ficassem com Ele, para enviá-los a pregar, e terem

<sup>50</sup> Antes da reflexão sobre o assunto deste capítulo, faz-se necessário legitimar as ponderações que serão aqui realizadas. O objetivo deste capítulo não é, simplesmente, falar do tema da Pastoral, propriamente, mas da relação desta com o sacerdócio. Com isso, tem-se, claramente, a ciência das reflexões feitas pelo Concílio Vaticano II, sobre o protagonismo laical na pastoral, advindo do sacramento do batismo, isto é, do sacerdócio comum. Não há a intenção de diminuir ou menosprezar essa reflexão essencial, e necessária, para a teologia atual, nem, tampouco, se quer apontar um clericalismo radical e universal na Pastoral da Igreja. O intuito é, apenas, observar a íntima relação de proximidade e responsabilidade dos sacerdotes, como animadores da Pastoral, ou seja, como pastores que guiam o rebanho, indicando o caminho a seguir.

<sup>51</sup> Existem diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Existem várias formas de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversas maneiras de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos. I Cor 12, 4-6.

<sup>52</sup> LG 18.

<sup>53</sup> Existem diferenças no desenvolvimento do serviço eclesial, pois, realisticamente, ninguém é igual a ninguém, e, factualmente, tal diferença não afeta em nada a dignidade do indivíduo humano, pois o valor da dignidade humana, ou, melhor dizendo, o amor de Deus por seus filhos, se encontra em um plano ontológico, e não pragmático. Sendo assim, a diferença servicial não implica inferioridade ou superioridade, mas complementariedade. Neste âmbito, cabe bem a exortação de São Paulo: “O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: “mão eu não sou, logo não pertencço ao corpo”, E se a orelha disser: “olho eu não sou, logo não pertencço ao corpo”, nem por isto deixará de fazer parte do corpo. Se o corpo todo fosse olho, onde estaria a audição? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato? *Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade.* Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo”. I Cor 12, 12-30. Grifo nosso.

<sup>54</sup> Cf. Ler capítulo três, de *Lumen Gentium*, denominado “Constituição Hierárquica da Igreja”.

<sup>55</sup> Cf. RATZINGER, 2007, p. 153.

autoridade para expulsar os demônios. Ele constitui, pois, os Doze” (Mc 3, 13-16). Os três Evangelhos relatam a instituição dos doze apóstolos (Cf. Mt 10,1-4; Mc 3,13-19; Lc 6, 12-16) e, evidentemente, Jesus chamou os que *Ele quis* para estar com Ele, para que depois, Ele mesmo, pudesse enviá-los ao mundo a fim de colocarem em prática o que haviam apreendido com as palavras e ações do mestre de Nazaré.

Percebe-se que Jesus não chamou a todos, mas apenas alguns, para que, segundo seu plano salvífico, pudessem ser preparados para uma missão específica que, de maneira extraordinária, diferiria da missão dos demais batizados da Igreja. Em muitas passagens, Jesus age de maneira diferente com seus discípulos, a começar pelo convívio. Jesus forma uma comunidade com seus discípulos, de modo que, onde o mestre estivesse, aí também estavam seus discípulos.

Jesus caminhava com os seus discípulos (Cf. Mc 2, 23), comia com eles (Cf. Lc 24, 43) e os ensinava, explicando suas parábolas (Cf. Mc 4,13) de modo que o aspecto hermenêutico fosse messiânico, salvaguardado somente aos Apóstolos. Este aspecto íntimo e particular é evidenciado, veementemente, na oração sacerdotal de Jesus: “Quando estava com eles, guardava-os em Teu nome [...] Eu lhes dei a Tua Palavra” (Jo 17, 11-14)

Assim sendo, a realidade mais significativa dessa relação íntima e extraordinária de Cristo com seus discípulos é, sem sombra de dúvida, a doação bem generosa do Espírito Santo, desembocando no “poder sagrado”<sup>56</sup>, para o serviço dos irmãos. Poder sagrado este, entendido como dispensador dos mistérios divinos. Assim, os apóstolos recebem de Cristo a autoridade de anunciar a Palavra, “Fazei que todas as nações se tornem discípulos, [...] e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 10); redimir os pecadores, “Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 23), e atualizar o memorial sacrificial de Jesus Cristo, em sua paixão, morte e ressurreição, “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19).

Podemos ver, nestes atos, a expressa justificativa da intimidade de Jesus e seus discípulos: Ele queria fazê-los pescadores de homens (Cf. Mt 4) e pastor de ovelhas (Cf. Jo 10.), no exercício do seu ministério sacerdotal. “Aprende de mim” (Mt 11, 29). Para elucidar tais ponderações, a *Presbiterorum Ordinis* esclarece que: “Constituiu, entre

---

<sup>56</sup> LG 18.

eles, alguns ministros que, na sociedade dos fiéis, possuem o sagrado poder de Ordem para oferecer o Sacrifício, perdoar os pecados e exercer oficialmente o ofício sacerdotal em nome de Cristo a favor dos homens”<sup>57</sup>.

Neste sentido, a Igreja vê, nesses eventos teológicos/bíblicos, a doação sacramental do *sacerdos* de Cristo a seus discípulos, já prefigurado, inclusive, no Antigo Testamento<sup>58</sup>, e efetivamente realizado, na pessoa de Cristo, sacerdote segundo a ordem de Melquisedec. Isto ocorreu para que se cumprisse a grande promessa de Cristo à humanidade, ao final de sua missão terrena: “eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mt 28, 20). A missão que era d’Ele, agora foi dada à Igreja, por meio dos apóstolos. Ele, o Cristo, continua a pastorear seu rebanho por meio da Igreja, em especial, por meio de seus sacerdotes.

Essa comunicação do dom sacerdotal<sup>59</sup> não se limitou somente aos apóstolos de Cristo, mas se estendeu aos seus sucessores, os Bispos, e, conseqüentemente, aos colaboradores, os presbíteros<sup>60</sup>. Sendo assim, a fonte e a origem do sacerdócio é a pessoa mesma do Cristo, ações e gestos. Dito de outra maneira, o dom sacerdotal, para aqueles que foram “escolhidos para anunciar o Evangelho” (Rm 1, 1), se assemelha, ontologicamente, com o Cristo, Pastor e Servo. Isso implica afirmar que a vida da Igreja e da comunidade cristã é animada e vivificada com a presença verdadeira de “*alter Christus*”, como expressão autêntica e fiel da vida do mestre Jesus de Nazaré.

As ações do Cristo são “presentificadas” na pessoa do sacerdote. E, de muitas tipologias assumidas por Jesus<sup>61</sup>, certamente aquela que salta aos olhos, pela imagem e valor sacerdotal, é a identificação de Cristo como o “Bom Pastor” (Jo 10, 11). Do substantivo ‘Pastor’, vem o verbo ‘pastorear’.

---

<sup>57</sup> PO 2.

<sup>58</sup> “Já no Antigo Testamento, em sinais prefigurativos, surgiram vários ofícios por vós instituídos, de modo que, tendo à frente Aarão, para guiar e santificar o vosso povo, lhes destes colaboradores de menor ordem e dignidade. Assim, no deserto, comunicastes a 70 homens prudentes o Espírito dado a Moisés que, com o auxílio deles, pôde mais facilmente governar o vosso povo. Do mesmo modo, derramastes copiosamente sobre os filhos de Aarão da plenitude concedida a seu pai, para que o serviço dos sacerdotes segundo a Lei fosse suficiente para os sacrifícios do tabernáculo. Oração consagratória da ordenação presbiteral”. **Pontifical Romano**. Ordenação dos Presbíteros. p. 82. In: <https://www.liturgia.pt/pontificais/Ordenacoes.pdf>.

<sup>59</sup> A comunicação do Dom sacerdotal na Igreja se dá pelo sacramento de ordem.

<sup>60</sup> LG 20- 21; PO 2.

<sup>61</sup> Eu sou o pão da vida” (Jo 6:48); Ou a Luz do mundo; o Caminho, a Vida, a Verdade.

## 2.2 O sacerdote como animador Pastoral

Em muitas paróquias<sup>62</sup> e Igrejas do mundo, vários sacerdotes se dedicam, exclusivamente, ao ofício de pastorear. Isso significa que o sacerdote orienta as ovelhas, os fiéis, a verdes pastagens, a fim de nutri-las com manteiga e mel (Cf. Is 7,15). Guiar os fiéis a estas verdes pastagens, também, significa provê-los dos sacramentos divinos<sup>63</sup>, favorecendo o acesso à palavra de Deus, enriquecê-los com a sã doutrina e prepará-los, através de uma sólida e integral direção espiritual, para ajudá-los na integração da sua humanidade<sup>64</sup>.

No desenvolvimento dessa Pastoral, buscando corresponder à exigência do mandato de anunciar a boa nova, a Igreja se organizou, de maneira lógica e ordenada, dividindo os territórios para o pastoreio em espaços geográficos, denominados dioceses<sup>65</sup> e paróquias. Segundo o Código de Direito Canônico, o bispo é responsável, primeiro, pela Pastoral, em seu território diocesano<sup>66</sup> e, depois, pelos colaboradores coadjuvantes, os sacerdotes<sup>67</sup>.

A lei da Igreja, por ofício divino, atribui e vincula seus sacerdotes a uma porção do povo de Deus, tornando-os responsáveis pela salvação das almas daquelas pessoas, católicas ou não, em seu território específico, confiado a eles. Isso expressa a seriedade e a responsabilidade de que os sacerdotes são revestidos para que cumpram, de maneira fiel e incansável, seus deveres de ministros da Pastoral<sup>68</sup>.

O exercício do ministério pastoral dos sacerdotes, no pontificado do Papa Francisco, assume uma nova/antiga expressão e incentivo, conforme já mencionado, no capítulo anterior, através da expressão “Igreja em saída” que representa, concretamente, na vida pastoral, “contrair o cheiro das ovelhas”<sup>69</sup>. Percebe-se, de acordo com o que foi exposto, um clamor real, em favor de se desfazer a ideia da Pastoral como:

---

<sup>62</sup> A paróquia é uma certa comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, cuja cura pastoral, sob a autoridade do Bispo diocesano, está confiada ao pároco, como a seu pastor próprio. CIC Cân. 515 § 1.

<sup>63</sup> Cf. CEC 1127-1130.

<sup>64</sup> SANTOS, 2012, p.107.

<sup>65</sup> A diocese é a porção do povo de Deus que é confiada ao Bispo para ser apascentada com a cooperação do presbitério. CIC Cân. 369.

<sup>66</sup> Ao Bispo diocesano, na diocese que lhe foi confiada, compete todo o poder ordinário, próprio e imediato, que se requer para o exercício do seu múnus pastoral. CIC Cân 381 § 1.

<sup>67</sup> LG 21.

<sup>68</sup> Cf. CIC Cân. 276§ 1.

<sup>69</sup> EG 24.



[...] um conjunto de recursos didáticos, pedagógicos ou formativos para aplicar, seja o direito canônico e a moral, seja a dogmática ou a eclesiologia. Nem uma reflexão sobre o ser da Igreja. Ela é antes de tudo uma Teologia da ação. [...] É a práxis transformadora dos cristãos e das pessoas em geral.<sup>70</sup>

A própria ação de Deus segue o modelo de ação e revelação descrito. Deus se revela criando, Deus mostra sua identidade no ato da encarnação e no mistério da redenção. A comunicação de Deus é uma ação e é por isso que se percebe a práxis transformadora de Deus no tempo e na história. Existe, nesse sentido, um aspecto inquestionável da primazia da ação na Revelação de Deus ao homem<sup>71</sup>.

O âmbito da Pastoral segue o mesmo princípio, isto é, a sistematização teórica só foi possível devido à ação eclesial. Não é em vão que a Igreja sempre lembre que o dogma é uma ação formal e sistemática de uma verdade sobre a fé, que já era da Igreja por meio da Revelação Divina, e, portanto, não começou a ser verdade de fé depois da formulação do dogma<sup>72</sup>. É nesse princípio que se embasa também a Pastoral, vista como uma teologia da ação<sup>73</sup>.

Após tais apontamentos, pode-se ver que a Pastoral da Igreja, como ofício sacerdotal, não pode se limitar a estruturas administrativas-sacramentais. Não que estas não sejam importantes, mas devem se transformar num “estado permanente de missão”<sup>74</sup>. O objetivo, aqui, é fugir das estruturas paroquiais que são inflexíveis e engessadas: “Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa”<sup>75</sup>.

Assim como a vida de Cristo sempre foi fazer a vontade do Pai, cumprindo Sua vontade, anunciando o Reino de Deus nas aldeias e povoados, atribuindo novo ardor e significado à vida dos pecadores, da mesma maneira, também deve ser a vida do sacerdote que vive num estado permanente de missão. Ele deve obedecer a Cristo, que diz: “Eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (Jo 13,15).

Não é por acaso que a instituição do sacerdócio se deu na última ceia do Senhor, lugar onde o mestre antecipa sua entrega livre, consciente e total aos seus discípulos.

<sup>70</sup> BRIGHENTI, 2011, p 61.

<sup>71</sup> Cf. FORTE, 1987, p. 15. Deus que se revela na economia da Salvação e, partir daí, “dá a conhecer” sua imanência.

<sup>72</sup> CEC. 88.

<sup>73</sup> Cf. BRIGHENTI, 2011, p 62.

<sup>74</sup> Dap. 201.

<sup>75</sup> EG 47.

Certamente, essa ocasião sinaliza que a essência do sacerdócio é a entrega, a doação total, livre e consciente da vida em favor dos outros. A tradição cristã designa essa doação da vida, esse ato de gastar-se por aqueles que mais precisam, num ato gratuito com o Amor, pois como afirma a Sagrada Escritura: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos” (Jo 15,13).

A alma do sacerdócio é o amor. Quem ama, conhece Deus e viu Deus (I Jo 4, 7). A essência de Deus é o amor<sup>76</sup>, porque Ele é amor (I Jo 4, 16). É esse amor, conforme o exemplo do mestre, que impele e move a vida sacerdotal. Por isso, o sacerdote deixa as noventa e nove ovelhas e vai em busca daquela que se perdeu (Cf. Lc 15, 4) e não valoriza mais a própria vida, do que o seu dever sacerdotal, pelo contrário, ele faz o que for necessário, para que a vida de Deus resplandeça naquelas almas que o Senhor Deus confiou em suas mãos. Quanto a isso ensina São Paulo:

Não desanimamos deste ministério que nos foi conferido por misericórdia. Quanto a nós, consideramo-nos servos vossos por amor de Jesus. [...] Em tudo somos oprimidos, mas não sucumbimos. Vivemos em completa penúria, mas não desesperamos. Somos perseguidos, mas não ficamos desamparados. Somos abatidos, mas não somos destruídos. Trazemos sempre em nosso corpo os traços da morte de Jesus para que também a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo. Estando embora vivos, somos a toda hora entre-gues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus apareça em nossa carne mortal. Assim em nós opera a morte, e em vós a vida." (2 Cor 4, 1-2, 8-12)

Viver em um estado permanente de missão, gastando-se, dando-se, oferecendo-se em favor dos que anseiam pela boa nova, em suas vidas e realidades, na esperança de propiciar-lhes, por meio do Evangelho, vida em abundância (Jo 10, 10), representa um paradoxo, o de perder a vida para ganhá-la (Cf. Mt 16, 25). Tal paradoxo evangélico nunca esteve tão evidente numa vocação específica, da forma como se apresenta na vocação sacerdotal. Por força do sacramento da ordem, existe uma identificação ontológica e indelével entre o homem e Cristo, de tal modo que as ações sacramentais são atos “*in persona Christi*”. É importante recordar e fazer menção, aqui, às palavras de Cristo, que o sacerdote repete no momento da transubstanciação, na celebração eucarística: Isto é o meu corpo e sangue que será entregue por vós<sup>77</sup>.

Parece evidente, depois do que foi apresentado, que o homem, em um gesto livre e consciente, empresta sua humanidade para o Divino, a fim de que a atualização do

---

<sup>76</sup> LADARIA. 1998, p. 369.

<sup>77</sup> Cf. I Cor 11,23-25.

mistério aconteça em favor da salvação de todos. Contudo, tal fato não causa a anulação completa do sujeito, mas uma integração do humano com o Divino, ou melhor dizendo, um acolhimento mútuo de ambos entre si.

Neste sentido, a entrega, no sacrifício eucarístico, primeiramente, diz respeito à entrega de Cristo à humanidade, mas, também, diz respeito à entrega de um homem, o sacerdote, à sua comunidade, o seu povo, que a ele foi confiado. Através de suas renúncias e dores, sofrimentos e medos, o sacerdote, como homem, também, diz às pessoas à sua volta: “Isto é o meu corpo e sangue que será entregue por vós”. Entretanto, tal fato só é possível, depois de uma clara consciência, uma verdadeira percepção, de que o estado permanente de missão vem da certeza incondicional do sacerdote e foi, pessoalmente, precedido pelo amor<sup>78</sup>. Por isso, ele pode amar incondicionalmente, por graça de Deus, dedicando a vida em favor dos irmãos.

### **2.3 Pai espiritual: Conhecedor dos mistérios de Deus e mestre do coração humano**

Já se sabe que o sacerdote é dispensador dos mistérios de Deus à humanidade e que, para o bom êxito dessa missão, é mais que necessário que os doutos das *res sacrum* sejam exímios conhecedores dos mistérios divinos. Contudo, segundo a antiquíssima tradição dos padres do deserto, conhecer os mistérios de Deus não é suficiente para ser um bom guia espiritual. Deve-se incluir um segundo aspecto, também, muito importante, que é o de ser mestre do coração humano<sup>79</sup>.

Jesus revela, com sua vida terrena, não só o Pai e Sua vontade, mas o homem ao próprio homem<sup>80</sup>, isto é, mostra a autenticidade do humano no Divino e do Divino no humano. O próprio fato de o verbo ter se encarnado, assumindo a condição humana e redimindo-a no madeiro da cruz, fez com que não houvesse mais um abismo entre o humano e o Divino. Não há mais uma realidade que separe a humanidade de Deus<sup>81</sup>,

---

<sup>78</sup> Cf. EG 24; I Jo 4,10

<sup>79</sup> Cf. GRUM, 2013, p,17.

<sup>80</sup> GS 22.

<sup>81</sup> Na Paixão de Cristo, toda a imundice do mundo entrou em contato com o imensamente Puro, com a alma de Jesus Cristo e, desse modo, com o próprio Filho de Deus. Se habitualmente a realidade suja, através do contato, contagia e mancha a realidade pura, aqui temos o contrário: onde o mundo, com toda a sua injustiça e as crueldades que o mancham, entre em contato com o imensamente Puro, aí, Ele, o Puro revela-Se o mais forte. Nesse Contato, a imundice do mundo é realmente absorvida, anulada, transformada por meio do sofrimento do amor infinito. RATZINGER, 2011, p. 209.

pois, para santificar a humanidade, Cristo abraçou-a e levou-a até Deus, como bem disse Santo Atanásio: “Deus se fez homem para levar o homem à Deus<sup>82</sup>”.

Neste sentido, o Cristo diz, em palavras humanas, o que Deus quer dizer, pois o *logos* de Deus se fez traduzir, entrando na realidade do homem (Cf. Jo 1, 14), no seu mundo sensível e finito, na sua cultura, na sua pobreza e miséria, para dar ao homem a riqueza da sua palavra. Considerando essa realidade, Laoutorelle escreve:

A natureza humana é a expressão do próprio Deus, a auto-expressão de Deus-fora-de-si-mesmo. O Cristo é Filho de Deus até em sua humanidade. A segunda pessoa da Santíssima Trindade é pessoalmente homem; esse homem é pessoalmente Deus. O Cristo é Deus de maneira humana e é homem de maneira divina. Deus é Caridade, mas é enquanto homem que ele o demonstra. Seu amor humano é a forma humana do amor redentor de Deus, vinda visível do amor de Deus. [...] No Cristo, Deus mesmo deu-se ao homem sem reservas e por meios humanos: seu amor divino veio até nós em um coração humano.<sup>83</sup>

Sendo assim, resta-nos dizer que o anúncio de Jesus designa, literalmente, uma mensagem, encarnada na realidade e nos corações daqueles que O escutam. Pode-se perceber que, o anúncio propagado por Cristo, não era para seres espirituais imaculados, que vivam à margem da sensibilidade e da história. Ao contrário, a mensagem era para pessoas concretas e reais, com todas as suas misérias, mergulhadas no contexto factual, como o próprio Senhor disse: “Não vim chamar os justos, mas pecadores” (Mc 2, 17). Diante de tudo isto, Cristo assumiu a condição de servo, engrandecendo o humano, sem diminuir o divino<sup>84</sup>.

Jesus foi um verdadeiro cardiologista<sup>85</sup>, como expressa, muitas vezes, a Sagrada Escritura, “Conhecendo o pensamento e os seus corações [...] Disse-lhes: [...] aquele que em vosso meio for o menor esse será grande” (Lc 9, 46-48). “Por que tendes maus sentimentos em vossos corações?” (Mt 9, 4) “Atire a primeira pedra quem nunca errou [...] eu também não te condeno” (Jo 8, 7-11). Ser um mestre do coração humano, segundo os moldes de Cristo, não significa relativizar a fé, nem as verdades da revelação, em nome de uma suposta gradualidade da lei, afinal, Jesus também disse: “Vai e não volte a pecar” (Jo 8, 11). O intuito é evidenciar um justo equilíbrio da

---

<sup>82</sup> Atanásio de Alexandria: Sermão sobre o Verbo Encarnado, 54. In: [https://ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/s\\_atanasio\\_sobre\\_a\\_encarnacao\\_do\\_verbo.html](https://ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/s_atanasio_sobre_a_encarnacao_do_verbo.html).

<sup>83</sup> LATOURELLE. 1985, p. 476.

<sup>84</sup> Cf. Leão Magno. *O Tomus ad Flavianum*.

<sup>85</sup> Aquele que conhece o coração. Cardio + Gnose.

mensagem evangélica, que não anule ou agrida a natureza humana, mas que a eleve e a integre, como bem quis o Senhor Deus: “Que o próprio Deus da paz vos santifique *totalmente*, e que tudo aquilo que sois – *espírito, alma, corpo* – seja conservado sem mancha” (1Ts 5, 23. Grifo nosso).

No ofício sacerdotal do pastoreio, ser um cardiognosta é essencial para a missão. Deve-se entender a maneira equilibrada da transmissão da mensagem cristã que, em primeiro lugar, deve ser um anúncio encarnado na realidade concreta e factual. Jesus falava em parábolas e usava imagens concretas e próximas de seus interlocutores. Acerca deste fato, o Papa Francisco diz:

Ficamos admirados com os recursos empregues pelo Senhor para dialogar com o seu povo, revelar o seu mistério a todos, cativar a gente comum com ensinamentos tão elevados e exigentes. Creio que o segredo de Jesus esteja escondido naquele seu olhar o povo mais além das suas fraquezas e quedas: Não temais, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino (Lc 12,32)<sup>86</sup>.

O olhar de Jesus, para além das fraquezas e quedas do povo, é um olhar de quem ama e sabe o antídoto para a doença moral do pecado. Esse olhar amoroso, “Olhando para ele, amou” (Mc 10, 21), não é um olhar de quem só vê o exterior, mas de quem vê, também, as profundezas mais íntimas da pessoa humana, “porque Deus não é como o homem, porque o homem olha as aparências, e o Senhor olha o coração” (I Sm 16, 7). Certamente, foi essa atitude de interesse ontológico de Jesus para com os seus interlocutores, que facilitou a adesão e a conversão de muitas pessoas.

Num segundo aspecto, (mas, onde estaria o primeiro?), o olhar amoroso do Mestre Jesus, que vê o coração, não pode ser motivo para destituir a mensagem de Deus de toda a sua transcendência e espiritualidade. Os ensinamentos do evangelho ainda continuam “elevados e exigentes”, como bem disse o Santo Padre Francisco. É importante, neste ínterim, compreender que a motivação da vida cristã, de entrega da vida, não está, necessariamente, neste mundo físico. A motivação sempre estará embebida no aspecto teológico e, em última instância, reporta diretamente a Deus.

Um exemplo interessante, é o motivo da condenação de Jesus, diante do sinédrio. Sua condenação não ocorreu por alguma razão, primordialmente, histórica, como a oposição ao regime político da época, pelo contrário, o motivo foi teológico: se

---

<sup>86</sup> EG 141.

fazer Filho de Deus<sup>87</sup>. Aqui, a transformação social advém de uma adesão religiosa à fé em algo que transcende a materialidade. O Senhor viveu e caminhou por esta terra, mas apontava sempre o eterno: “Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho?” (Lc 24, 32). Jesus se apodera da humanidade para revelar, com sua vida, que o desejo das realidades eternas é parte integrante e essencial da natureza humana, afinal, o homem foi criado à Imagem e Semelhança de Deus, para viver com Ele na eternidade (Cf. Gn 1, 2). Portanto, para conhecer os mistérios de Deus, parece um bom começo se aproximar das ciências teológicas.

Mas, como ser um mestre do coração humano? Como criar, num coração sacerdotal, essa sensibilidade integrativa e reconciliatória do humano e do Divino, na vivência do ministério pastoral? A resposta pode estar no profeta Joel, que diz: “Rasguem o coração e não as vestes. Voltem-se para o Senhor, o seu Deus, pois ele é misericordioso e compassivo, muito paciente e cheio de amor” (Joel 2, 13). Só pode alcançar o coração do outro, quem foi capaz de alcançar o seu próprio coração. Os sacerdotes só podem ser conhecedores dos corações de seus fiéis, se forem doutores de seus próprios corações. Como, acertadamente, ensina Santo Agostinho: “O que Deus quer salvar no mundo inteiro, antes Ele quer salvar primeiro dentro de mim”<sup>88</sup>.

O pré-requisito para ser um médico autêntico e eficaz, no cuidado com o coração alheio, é seguir o imperativo do Bem Aventurado Paulo: “Médico, cura primeiro a ti mesmo”<sup>89</sup>. Isso significa não se desvincular, em hipótese alguma, daquele filho, chamado a uma consagração total, que foi precedido no Amor, perdoado, resgatado, querido e sustentado pela graça de Deus, no serviço e na doação aos irmãos.

Numa carta aos sacerdotes, o Papa Francisco, agradecendo pela sua fidelidade e motivando-os a continuar, escreveu:

Substancialmente, estamos a dizer que continuamos a acreditar em Deus que nunca quebrou a sua aliança, mesmo quando nós a quebramos vezes sem conta. Isto convida-nos a celebrar a fidelidade de Deus que, apesar dos nossos limites e pecados, não deixa de confiar, crer e apostar em nós, e convida-nos a fazer o mesmo. Cientes de trazer um tesouro em vasos de barro, sabemos que o Senhor Se manifesta vencedor na fraqueza, não deixa

---

<sup>87</sup> Cf. RATZINGER, 2011, p. 161.

<sup>88</sup> Frase tipicamente atribuída a Santo Agostinho.

<sup>89</sup> Apo, 1007/Apud: GRUN p. 19.

de nos sustentar e chamar, dando-nos cem por um, porque é eterna a sua misericórdia.<sup>90</sup>

O Santo Padre Francisco entende que os sacerdotes fiéis são aqueles que, conscientes de sua fragilidade e dependência em relação a Deus, não ousam caminhar sozinhos, confiando somente em suas próprias forças, no exercício do ministério ordenado. Eles sabem que, sem o Senhor, nada podem fazer (Cf. Jo 15, 5). A certeza de ser amparado, cuidado e sustentado na vida da graça, é fundamental para se entender a forte relação de Deus com o homem.

O sacerdote cardiognosta, só pode sê-lo se “rasgou o coração” para o Senhor e foi até Ele, com sua verdade e cruzeza, para que Deus manifeste a sua força e graça naquilo que é fraco e desprezível aos olhos humanos (Cf. I Cor 1, 27-29). É no interior de nós mesmos que encontramos Deus, e não fora<sup>91</sup>. E, encontrando Deus, o homem encontra a si mesmo, uma vez que “Nossa Vida Está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3, 3).

Consoante a este aspecto, o de encontrar sua própria identidade, fruto de uma síntese amorosa e misericordiosa do sacerdote com Deus, têm-se visto certa dificuldade. Na atualidade, existem dificuldades de integração da própria identidade do sacerdote, frente às exigências do ministério pastoral. O padre Palotino, Sérgio Lasta, fala de um sentimento de “dessubjetivação” que afeta o sacerdote. Diante de um fardo considerado pesado, alguns sacerdotes chegam ao ponto de perder o sentido do próprio ministério, e acabam por se tornar meros funcionários do sagrado<sup>92</sup>.

Contudo, não é possível que um sacerdote queira ajudar, sem antes ser ajudado, ou querer dar aquilo que não possui. Por isso, a preparação para a missão é algo muito importante para que se alcance uma maturidade afetiva, psíquica, humana e, sobretudo, espiritual, para dar respostas pastorais às realidades periféricas extremamente difíceis<sup>93</sup> e delicadas, como aquelas que envolvam pessoas com transtorno depressivo e tendência ao suicídio.

---

<sup>90</sup> Papa Francisco. **Carta aos Presbíteros por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do Cura D'ars.** Roma, em São João de Latrão, 4 de agosto de 2019. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco\\_20190804\\_lettera-presbiteri.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190804_lettera-presbiteri.html). Acesso: Agosto de 2022.

<sup>91</sup> Eis que estavas dentro de mim, e eu lá fora, a te procurar! AGOSTINHO, 2002, p. 235.

<sup>92</sup> LASTA, 2022, p. 163.

<sup>93</sup> PV. 43.

### 3. PERIFERIAS EXISTENCIAIS: A DEPRESSÃO E O SUICÍDIO

#### 3.1 Uma neurose coletiva: um olhar para a realidade humana.

O sonho pastoral do Papa Francisco, um objetivo a ser alcançado, é que “todos somos convidados a [...] sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”<sup>94</sup>. Certamente, à primeira vista, é comum pensar somente em periferias físicas e territoriais, contudo, o Santo Padre Francisco se refere, também, às periferias humanas<sup>95</sup>, e é exatamente este “território” de missão, que será usado para discutir a ação pastoral sacerdotal, neste tópico.

Evidentemente, há uma forte crise antropológica e axiológica na atualidade e, como resultado dela, alude-se a um itinerário comum às pessoas, como um desafio existencial, na contemporaneidade, que se caracteriza pela busca de um sentido para a existência<sup>96</sup>. Sobre este fato, o Documento de Aparecida informa que:

Essa é a razão pela qual muitos estudiosos de nossa época sustentam que a realidade traz inseparavelmente *uma crise do sentido*. Eles não se referem aos múltiplos sentidos parciais que cada um pode encontrar nas ações cotidianas que realiza, mas ao sentido que dá unidade a tudo o que existe e nos sucede na experiência.<sup>97</sup>

A crise do sentido da vida é uma aceitação, cultural e intelectual, das correntes de pensamentos que negam as realidades transcendentais do mundo. Neste âmbito, por influências filosóficas de teor mecanicista (Freud), materialista (Marx), evolucionista (Darwin) e, sobretudo, niilista (Nietzsche), pode-se dizer que a vida humana é influenciada pela negação de uma auto transcendência, inerente à natureza da pessoa. A existência humana é vista meramente, e somente, no seu aspecto psicossomático, e, assim, se vê corrompida e separada de sua total verdade. Sobre isso, Frankl esclarece que: “Quando é negada a autotranscendência da existência, a própria existência é desfigurada. Ela é materializada. O ser fica reduzido a mera coisa. O ser humano é despersonalizado [...] é transformado em objeto”<sup>98</sup>. Portanto, admite-se que a estrutura

---

<sup>94</sup> EG 20.

<sup>95</sup> EG 46.

<sup>96</sup> Embora já se mencionou tal problemática no primeiro capítulo, cabe aqui aprofundar sobre as periferias humanas a serem alcançadas pelo ministério pastoral do sacerdote.

<sup>97</sup> DAp. 37. Grifo nosso.

<sup>98</sup> FRANKL, 1989, p. 47.



humana está sendo deturpada, pois sua real natureza não é compreendida na sua inteireza e concretude.

Com a deturpação, tudo à volta do indivíduo humano assume um caráter de desordem. Que tipo de sociedade é construída quando a pessoa não é vista na sua totalidade? Que estrutura antropológica se forma? Como se estabelece a família, religião e a política?

Recorda-se, aqui, a célebre frase de Aristóteles, resgatada por Santo Tomás Aquino, “*Quia parvus error in principio magnus est in fine*”<sup>99</sup>, a qual pode ser entendida como: quando se tem de início uma falsa premissa, tudo que deriva desta estará também errado. Transportando para a concretude da vida, quando se estabelece como fundamento para uma sociedade, noções antropológicas incompletas, e, até mesmo, contrárias, à natureza humana, desencadeia-se uma avalanche de problemas ou crises existenciais e sociais.

A base, sobre a qual se alicerça a reflexão sobre as periferias existenciais, que devem ser alcançadas pelo Evangelho, é a contestação empírica de que o problema do homem contemporâneo é o do vazio existencial. Viktor Frankl acredita que a neurose coletiva dessa época é o vazio existencial, a ideia de que existir não tem sentido algum, como ele descreve:

Hoje o homem não sofre mais tanto, como nos tempos de Freud, de uma frustração sexual, mas sim de uma frustração existencial. E hoje não o angustia tanto, como na época de Alfred Adler, um sentimento de inferioridade, senão, bem mais, um sentimento de falta de sentido, acompanhado de um sentimento de vazio, de um vazio existencial<sup>100</sup>.

Tal problemática, a do vazio existencial, não aparece somente em ambientes da filosofia e psicologia, mas é um problema, essencialmente, teológico, já que “a questão do sentido é uma questão da alma”<sup>101</sup>. Também se entende que todos os sentidos da facticidade da vida cotidiana apontam para um Sentido Último, que dá sentido a todas

---

<sup>99</sup> “Um pequeno erro no início, torna-se grande no fim” (TOMÁS DE AQUINO, 2013, p. 17; N. 01).

<sup>100</sup> FRANKL, 2015, p. 9.

<sup>101</sup> BOFF, Clodovis. 2014, p. 4.

as outras coisas<sup>102</sup>. Isso, porque se sabe que Deus é o começo e o fim, donde todas as coisas saíram e para onde todas as coisas um dia voltarão<sup>103</sup>.

Sendo assim, atentos ao constatável clamor hodierno de sede de sentido, ajudar as pessoas na busca de sentido para a vida, certamente, é uma missão sacerdotal que, na vivência de sua pastoral, é inevitável. Reconhecemos que essa empreitada é demasiadamente grande e que, por esse motivo, é impossível abordar todas as suas realidades, dentro dos limites deste trabalho. No entanto, aventuramo-nos a refletir sobre duas situações específicas, que consideramos pontuais e concretas na sociedade atual, e que são, também, encontradas com muita frequência, no trabalho pastoral dos sacerdotes: a depressão e o suicídio<sup>104</sup>.

Antes de iniciarmos as discussões, é de suma importância frisar que não há a intenção de transformar o sacerdote em psicólogo ou psiquiatra, e muito menos, de fazer dos centros de atendimentos paroquiais, clínicas de psicoterapia. Isso porque a Teologia e a Psicologia são ciências distintas e com objetivos diferentes. “O alvo da psicoterapia é a cura da alma, ao passo que o alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma”<sup>105</sup>. Os objetivos de cada uma das ciências mencionadas são diferentes, e tal diferença deve ser respeitada, para que não se empobreça nenhuma das duas e esta pesquisa científica/acadêmica seja realizada da maneira mais clara, ordenada e segura possível.

O encontro entre Teologia e Psicologia, acontece através da transcendentalidade da experiência categorial do homem, como ensina a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

Na verdade, os desequilíbrios que atormentam o mundo moderno se vinculam com aquele desequilíbrio mais fundamental radicado no coração do homem. Com efeito, no próprio homem muitos elementos lutam entre si. Enquanto, de uma parte, porque criatura, experimenta-se limitado de muitas maneiras, por outra parte, porém, sente-se ilimitado nos seus desejos e chamado a uma vida superior<sup>106</sup>.

---

<sup>102</sup> Cf. MARTINS, Breno Silva. **O conceito de supra sentido na Logoterapia de Viktor Frankl: uma abertura à Teologia cristã**. Filoteológica, Feira de Santana, v. 01, n. 2, p. 32-51, jul.-dez. 2021. Disponível em: <http://revistafiloteologicafcs.educacao.ws/index.php/RFTCF/article/view/53>.

<sup>103</sup> CEC. 198

<sup>104</sup> A pesquisa teológica procura lançar luzes sobre a ação pastoral do sacerdote diante de pessoas com depressão e sintomas suicidas. O foco aqui não é temas como eclesiologia, cristologia, psicologia e nem psiquiatria. O foco é a ação pastoral que inevitavelmente, durante a reflexão, tocará em temas dos citados tratados.

<sup>105</sup> FRANKL, 1992, p. 59.

<sup>106</sup> GS 10.

Embora, os objetos da Teologia e da Psicologia sejam distintos, mediante a prática da psicoterapia, isso não significa que elas não possam trabalhar juntas, uma vez que seu alvo, o homem, é uma realidade que interessa às duas áreas do conhecimento<sup>107</sup>. Em outras palavras, percebe-se que mesmo quando a religião se preocupa apenas com suas intenções primárias,

ela não deixa de ter o efeito psico-higiênico e até psicoterapêutico, uma vez que propicia à pessoa uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrada alhures a não ser na transcendência, no Absoluto. Semelhante efeito colateral análogo e involuntário também podemos observar na psicoterapia, uma vez que, em alguns casos, o paciente reencontra ao longo da psicoterapia fontes, há muito soterradas, em uma fé original, inconsciente e reprimida<sup>108</sup>.

Tais feitos não foram ações intencionais dos seus respectivos orientadores. O sacerdote queria salvar a alma, porém, o fiel, no caminho, passou por um processo de cura da alma. Já o psicoterapeuta, por sua vez, tendo como intenção primária a “cura da alma”, alcançou, no processo, um alto nível de experiência humana com seu paciente, revelando uma bela experiência de aproximação com Deus que, conseqüentemente, levaria a um processo de salvação da alma<sup>109</sup>. Isso acontece, como já mencionado, porque ambas as ciências tratam do mesmo mistério chamado homem.

### 3.2 O mal dos transtornos depressivos e do pensamento suicida

O transtorno depressivo e o pensamento suicida são expressões do padecimento humano, entendidas como consequência da grande neurose coletiva do século atual, que precisam ser alcançadas pelo ministério pastoral do sacerdote. Todavia, cabe aqui mencionar que essas duas situações concretas, difíceis e dolorosas, para muitas pessoas, serão aqui tratadas em sua perspectiva objetiva, factual e concreta. Sabe-se bem que o ato humano possui a dimensão objetiva (material) e subjetiva (consciência e liberdade),

---

<sup>107</sup> Cf. MARTINS, 2021, p. 45.

<sup>108</sup> FRANKL, 1992, p. 59.

<sup>109</sup> Cf. “A direção de almas médicas e Pastoral” in: FRANKL, E. Viktor. **Psicoterapia e Sentido da Vida. Fundamentos da logoterapia e Análise Existencial**. 3. Ed. São Paulo: Quadrante, 1989b. p. 295-300.

contudo, serão tratados, aqui, somente o que se pode perceber fenomenologicamente, e não nas instâncias subjetivas das razões pelas quais cada pessoa foi diagnosticada com tal enfermidade<sup>110</sup>

### 3.2.1 Transtornos<sup>111</sup> Depressivos

Infelizmente, não são raras as notícias de pessoas que foram diagnosticadas com algum tipo<sup>112</sup> de transtorno depressivo. “Algumas autoridades estimaram que ao menos 12% da população adulta teve ou terá um episódio de depressão de suficiente gravidade clínica para justificar um tratamento”<sup>113</sup> e, em conformidade com essa previsão, a Organização Mundial da Saúde publicou um relatório dirigido a ONU, evidenciando um aumento massivo de 28% nos casos de transtornos depressivos. Tal porcentagem significa que 53 milhões a mais de pessoas, em todo o globo, foram diagnosticadas com depressão<sup>114</sup>. Por isso, é fácil perceber que o transtorno depressivo é palpável na realidade atual, bastando, apenas, olhar ao redor, para perceber que existem pessoas que sofrem, ou já sofreram, dessa enfermidade.

O transtorno depressivo pode ser definido, como “a presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. O que difere entre eles são os aspectos de duração e etiologia”<sup>115</sup>. Embora sejam múltiplas as suas causas, pode-se dizer que estas podem ser, basicamente, de origem biológica, envolvendo

<sup>110</sup> Entrar no aspecto subjetivo do fato de pessoas que sofrem de transtornos depressivos e pensamentos suicidas, demandaria muito tempo, esforço e conhecimentos, os quais não constituem o foco do trabalho. Tal tema possui uma abrangência gigantesca, que escapa aos estudos do autor do trabalho.

<sup>111</sup> Antes de prosseguir com a reflexão, é preciso, ao menos, pontuar brevemente o que se entende por transtorno. “*Disorder*” ou Fora da ordem, traduzido em português como “transtorno”. Desordens ou transtornos mentais são síndromes, ou seja, agrupamentos de signos patológicos inconstantes e sem necessariamente uma cadeia causal operando entre eles”. Cf. DUNKER, 2021, p. 47.

<sup>112</sup> Aqui se diz algum tipo, pois são diversos os possíveis diagnósticos para a depressão, a saber: Distímia (transtorno depressivo persistente), Transtorno disruptivo da desregulação de humor, Transtorno disfórico menstrual, Transtorno depressivo induzido por substância ou medicação, Depressão sazonal, Depressão secundária, Depressão endógena, Depressão atípica, Transtorno depressivo maior (transtorno bipolar tipo I), Depressão bipolar (transtorno bipolar tipos II e III, transtorno ciclotímico), Depressão psicótica, há, ainda, condições “coringas”, que podem ser especialmente adequadas a cada caso, como o transtorno depressivo ligado a outra condição médica ou o incrível outro transtorno depressivo e o ainda mais abrangente transtorno depressivo não especificado. Cf. DUNKER, 2021, p. 58.

<sup>113</sup> AARON T, Beck; A. JOHN, Rush; BRIAN, F. Shaw; GARV, Emery, 1967, p. 9.

<sup>114</sup> Cf. Site OMS: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-address-at-the-75th-world-health-assembly---23-may-2022>.

<sup>115</sup> DSM-5, 2014, p. 155. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. (Referenciado DSM-5).

problemas nos neurotransmissores cerebrais e seus receptores, ou/e de origem cognitiva, afetando a realidade psicológica.

Quando o assunto é neurotransmissores cerebrais, as monoaminas<sup>116</sup> constituem a principal teoria de justificativa *biológica* para as depressões. As monoaminas se subdividem em catecolaminas, nominadas de: dopamina, noradrenalina e indolamina (serotonina). A deficiência dessas aminas biogênicas pode ser a principal causadora do transtorno depressivo no sistema neurológico.<sup>117</sup>

Já a teoria cognitiva, postula a ideia de que a causadora do transtorno mental pode ser a maneira com a qual a pessoa vive ou interpreta os acontecimentos da existência. Existiria, assim, uma primazia da cognição como causadora da doença, pois a taxa de pessoas deprimidas, que possuem um alto índice de desempenhos e fracassos, a ponto de induzi-las “a prestar atenção seletiva a eventos negativos, tendendo à auto-avaliação negativa”<sup>118</sup> é claramente expressiva. As impressões negativas na estrutura do indivíduo, podem ser impressas, também, nos primeiros períodos de vida, tendo como causador principal a pessoa mesma ou outrem, através de atos negativos/violentos, que podem causar um espectro negativo de visão de si mesmo, da vida e do mundo, formando, assim, a tríade cognitiva que:

consiste no fato de o paciente apresentar uma visão negativa e persistente em relação a três aspectos fundamentais que são: sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre o futuro. Através dessa interpretação errônea, o deprimido sente-se encurralado, envolvido por situações nas quais só podem ocorrer decepções, sofrimento, desamparo e desesperança.<sup>119</sup>

O transtorno depressivo pode causar muitos males <sup>120</sup>, contudo, em um viés mais existencial, em que fosse possível delimitar uma linha mestra e dorsal de padecimento humano, que atravessasse essa patologia em seus diversos níveis e expressões, apontar-se-ia a tensão abissal entre “ser” e o “dever ser”.

<sup>116</sup>São neurotransmissores que contam com diversas funções de neuromodulação. As monoaminas recebem e liberam material sináptico, que contém informação para cada uma das atividades complexas que realizamos. Apesar do seu tamanho microscópico, podem regular funções como a atenção, os estados emocionais e as funções viscerais. In: <https://amenteemaravilhosa.com.br/monoaminas/>.

<sup>117</sup> Cf. BAHLS, 1999, p. 3.

<sup>118</sup> BAHLS, 1999, p. 7.

<sup>119</sup> BAHLS, 1999, p. 9.

<sup>120</sup> Desregulação no humor, comorbidade, explosão de raiva, baixa estima, fadiga, desespero, insônia, falta de apetite ou alimentação em excesso, temor de que algo terrível irá acontecer, sentimento de perda de controle de si mesmo, sentir-se nervoso ou tenso, desejo de morte, por falta de sentido na vida Cf. DSM-5, 2014, p. 155-188.

É normal que o homem experimente uma sadia tensão existencial entre o que se “é” e aquilo que se “deve ser”. Tal tensão é, por si mesma, humana, insuperável e imprescindível, existencialmente<sup>121</sup>. É normal que o homem tenha uma dívida com “aquele que ele tem que ser”, como uma possibilidade de aceitação de sua própria limitação, e/ou estímulo de sua capacidade de superação<sup>122</sup>. Entretanto, o depressivo:

experimenta numa dimensão exagerada as tensões entre o ser e o dever. O paciente enxerga com a lupa da depressão que aumenta e desfoca aquilo que seu ser ainda precisa cumprir em relação ao seu dever. A distância entre o ser e o dever é vivenciada e experimentada como se fosse um abismo. [...] Não é a tensão existencial que torna o homem doente, mas sim a doença da depressão que faz com que *o homem se dê conta dessa tensão de maneira desfocada e ampliada*<sup>123</sup>

Seja como for, tanto na perspectiva biológica, quanto na cognitiva, o modelo explicativo/teórico da doença mental revela uma pessoa em sofrimento, um ser humano que, na sua realidade psicofísica, sofre com um mal concreto e real, cuja explicação não pode ser simplória, ou advinda do senso comum. O transtorno depressivo, em seus diversos níveis, não é falta de Deus, como se a culpa de se estar mentalmente doente fosse resultado de uma tibieza da fé do deprimido. Certamente, a fé ajuda a enfrentar e a curar enfermidades, entretanto, o transtorno depressivo é uma realidade médica e clínica séria e concreta, capaz de prejudicar a relação do doente consigo mesmo, com sua família e com suas crenças. O sofrimento experimentado pelo doente é grande, e não deve ser menosprezado ou diminuído por ninguém. Depressão, como já foi dito, não é falta de Deus, mas uma realidade psíquica.

### 3.2.2 Suicídio

O suicídio, como fato social, não fica atrás dos índices estatísticos relacionados ao transtorno depressivo. Ao apresentar o relatório “*Suicide worldwide in 2019*”<sup>124</sup>, o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, Tedros Adhanom Ghebreyesus, afirmou: “Não podemos - e não devemos - ignorar o suicídio, cada um deles é uma

---

<sup>121</sup> Tema próprio da fenomenologia presente em diversos filósofos como: Heidegger; Husserl, Levinas, Edith Stein, Frankl. Etc.

<sup>122</sup>Cf. FRANKL, 2016, p. 69.

<sup>123</sup> FRANKL, 2016, p. 69. Grifo nosso.

<sup>124</sup> Disponível para Downloads in: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>.

tragédia”<sup>125</sup>. Neste mesmo relatório, constava a informação de que mais de 700 mil pessoas haviam morrido, por suicídio, em 2019, ou seja, para cada 100 pessoas que morreram naquele ano, uma, tirou a própria vida.

Uma tentativa de suicídio pode ser descrita como um ato voluntário da vítima, direcionado a si mesma, com o objetivo de tirar a própria vida<sup>126</sup>. Destarte, também é possível descrever um suicídio como toda morte que resulta, mediata ou imediatamente, desse ato realizado pela vítima<sup>127</sup>. Um estudo completo do fenômeno do suicídio, que envolva seu aspecto histórico, sociológico e cultural, não é possível de se realizar *hic et nunc*<sup>128</sup>, contudo, é necessário apresentar alguns estudos e dimensões desta realidade.

Albert Camus, discorrendo sobre o suicídio, afirma que há somente uma questão verdadeiramente séria para cada pessoa, de maneira insubstituível, inalienável e factual: “É o de estabelecer se vale ou não a pena viver”<sup>129</sup>. Atualmente, as pessoas passam por muitas dificuldades e crises, em diversos níveis e dimensões, e, muitas vezes, esses aglomerados de vivências angustiantes acabam levando a um esgotamento, à uma falta de perspectiva para soluções de problemas e ao desamparo. Esta situação pode se agravar tanto, que acaba levando o indivíduo a um verdadeiro colapso existencial<sup>130</sup>.

Diante dessa pane existencial, Botega esclarece que “O suicídio passa a ser visto como solução única para a situação insuportável [...] A capacidade do paciente de manter o controle sobre sua vida torna-se nula ou muito reduzida”<sup>131</sup>. Isto ocorre, porque a pessoa experimenta, dentro de sua estrutura psíquica fragilizada, situações que causam conflitos insuportáveis, de modo que, o desejo de interromper tais conflitos, apresenta-lhe, como solução, interromper a própria vida.

É importante esclarecer, desde já, que, do ponto de vista ético-deontológico, o suicídio deve ser condenado e nunca incentivado, pois é contrário à inviolabilidade da vida e à dignidade da pessoa humana. Seja o suicídio fruto de um colapso existencial, ou parte de um desejo de terceiros, numa realidade hospitalar, como o suicídio assistido,

<sup>125</sup> Cf. em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>.

<sup>126</sup> Cf. ABBAGNANO, 2007, p. 928. Sobre o suicídio.

<sup>127</sup> DURKHEIM, 2000, p. 11.

<sup>128</sup> Indica-se a leitura de “O suicídio” de Émile Durkheim. DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: Estudo de sociologia. 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

<sup>129</sup> CAMUS, 1981, p. 14.

<sup>130</sup> Cf. BOTEGA, 2015, p. 15.

<sup>131</sup> BOTEGA, 2015, p. 15.

legitimar tal atitude como última liberdade da vida é, efetivamente, desvirtuar a liberdade humana, de modo a exercê-la sem responsabilidade<sup>132</sup>.

O primeiro, e inalienável, direito de uma pessoa é o direito à vida, seguido pelo direito à liberdade, então, como este último poderia se sobrepor ao primeiro? Incentivar tal inversão, seria como encorajar, mesmo que indiretamente, o suicídio. Não existe liberdade, sem responsabilidade<sup>133</sup>. Como uma das últimas reflexões sobre esta questão, fica a recomendação de Frankl:

A liberdade é só parte da história e metade da verdade. A liberdade não é senão o aspecto negativo do fenómeno no seu todo, cujo aspecto positivo é a responsabilidade. De facto, a liberdade está em risco de degenerar em mera arbitrariedade, a menos que seja vivida num âmbito de responsabilização. Por esse motivo recomendo que a Estátua da Liberdade na costa leste seja complementada com uma Estátua da Responsabilidade na costa oeste<sup>134</sup>.

No âmbito eclesial, o catecismo da Igreja Católica é claro: “O suicídio contraria a inclinação natural do ser humano para conservar e perpetuar a sua vida. É gravemente contrário ao justo amor de si mesmo. [...] é contrário ao amor do Deus vivo”<sup>135</sup>. Na verdade, toda a economia da salvação é para que os homens tenham vida plena (Cf. Jo 10) e não pereçam na morte, pois Cristo mesmo disse: “Em verdade, vos digo: aquele que crê em mim tem a vida” (Jo 6, 47). Evidentemente, não é desejo, e nem vontade de Deus, que o homem morra e, muito menos, por suas próprias mãos<sup>136</sup>.

Voltando à facticidade do fenômeno, Durkheim em sua obra “suicídio” diferencia os vários tipos de suicídio<sup>137</sup>. Há, no entanto, uma problemática interessante, e curiosa, sobre um dos tipos de suicídio, em específico. Intitulado como suicídio

<sup>132</sup>SGRECCIA, 2014, p. 735.

<sup>133</sup> “Assim sou, em última análise, responsável por tudo- pela minha existência na totalidade, bem como pelo meu ser-assim, em particular. [...] Ela [responsabilidade sobre o que não se tem controle] é responsabilidade sobre o pano de fundo de uma liberdade última, radical, *um “não” radical: o suicídio.*” (FRANKL, 2019, p. 229. 233. Grifo nosso). “Toda liberdade tem um “de quê” e uma “para quê”, O “de quê”, do qual o homem pode se libertar de seu [impulso/instinto]. O “para quê” da liberdade humana é sua responsabilidade. A liberdade da vontade do ser humano é, portanto, a liberdade “de” ser impulsionado “para” ser responsável”. (FRANKL, 1992, p.40.).

<sup>134</sup>FRANKL, 2003, p. 73.

<sup>135</sup> CEC 2281.

<sup>136</sup> A salvação daqueles que cometeram suicídio, não será, propriamente, tratada neste trabalho, contudo, deixaremos uma citação do catecismo: “Não se deve desesperar da salvação eterna das pessoas que se suicidaram. Deus pode, por caminhos que só Ele conhece, oferecer-lhes a ocasião de um arrependimento salutar. A Igreja ora pelas pessoas que atentaram contra a própria vida.” CEC 2283.

<sup>137</sup> O suicídio nos estados psicopáticos; o suicídio e os estados psicológicos normais (influência da raça, o aspecto hereditário); o suicídio e os fatores cósmicos; suicídio por imitação; suicídio egoísta; suicídio altruísta e etc.



anônimo, isto é, um suicídio ocorrido por uma causa não nominada, não evidenciada concretamente e, materialmente, até injustificada. Parece, de certa forma, bastante lógico imaginar que, quanto mais difícil a vida, mais facilmente as pessoas renunciariam a ela. Por conseguinte, as mortes por suicídio deveriam diminuir, à medida que o homem encontrasse condições de vida que lhe proporcionassem mais bem-estar. No entanto, os fatos contradizem tal pensamento<sup>138</sup>, uma vez que, conforme aponta a pesquisa do sociólogo, “não é o crescimento da miséria que provoca o crescimento dos suicídios” e nem o bom viver que os evita, sensivelmente.

O homem se difere do animal. Este último vive em equilíbrio com o meio em que se encontra, pois depende inteiramente de condições puramente materiais: “Quando o vazio que a vida escavou em seus próprios recursos é preenchido, o animal fica satisfeito e não pede mais nada”<sup>139</sup>, diferente do homem, cujas necessidades não dependem exclusivamente de materialidade. Durkheim afirma que “Em si mesma, abstraindo-se todo poder exterior que a regula, *nossa sensibilidade é um abismo sem fundo que nada é capaz de preencher*. [...] Pois desejos ilimitados são insaciáveis por definição”<sup>140</sup>.

O psiquiatra de Viena constatou o mesmo fato, quando fez uma pesquisa em uma Universidade estadunidense, onde 60 jovens haviam tentando suicídio. A pesquisa revelou que 93% desses jovens “eram ativamente participantes no plano social, tinham boa situação acadêmica e tinham um bom relacionamento com os membros de suas famílias”<sup>141</sup>. Não existiam razões materiais, psicológicas, sociológicas ou culturais, que justificassem a tentativa de suicídio. Sendo assim, a resposta, tanto para a questão de Durkheim, quanto para a de Frankl, só poderia estar relacionada a algum aspecto imaterial.

Dos 60 jovens que tentaram suicídio, 85% afirmaram que a razão daquele gesto “*era que a vida parecia vazia de sentido*”<sup>142</sup>. Relembremos, aqui, a reflexão feita anteriormente, sobre o vazio existencial como neurose coletiva desse século<sup>143</sup>. Talvez,

<sup>138</sup> DURKHEIM, 2000, p. 305.

<sup>139</sup> DURKHEIM, 2000, p. 312.

<sup>140</sup> DURKHEIM, 2000, p. 313. Grifo nosso.

<sup>141</sup> FRANKL, 1989, p. 14.

<sup>142</sup> FRANKL, 1989, p. 14. Grifo nosso.

<sup>143</sup> Talvez porque hoje “habitamos um mundo submetido à tirania do imperativo categórico *be happy*. Da ideia revolucionária norte-americana do “direito à felicidade” passou-se a uma espécie de teoria antropológica cachée [escondida] nas psicologias práticas - e nos movimentos sociais que visam a transformação -, nas quais parece haver uma “crença” na evidência de que a felicidade é de fato um

esta seja a resposta para aquilo que Durkheim denominou como *desejos ilimitados e insaciáveis pela materialidade*: reconhecer que, ontologicamente, o homem sente necessidade de uma realidade metafísica que o transcenda, o envolva e o ultrapasse infinitamente, afinal, “Deus pôs a eternidade em seu coração” (Ec 3,11).

### 3.3 Reflexões pastorais diante das periferias humanas

Em ambas as situações relatadas nos tópicos anteriores, evidencia-se aquilo que há de mais doloroso no campo existencial das pessoas: uma mente doente e um desesperador colapso existencial, o qual pode chegar ao ponto de levar a vítima ao desejo de tirar a própria vida. Como mostraram as estatísticas, essas intercorrências sociais estão mais que presentes na atualidade, de forma nunca vista antes, e, com isso, as chances de o sacerdote se deparar com algumas dessas circunstâncias, em sua estrutura paroquial e na sua vivência de ministério pastoral, é extremamente grande. Isso, para não dizer, inevitável<sup>144</sup>.

Para uma melhor organização lógica e argumentação, indicaremos três linhas de ações pastorais para o sacerdote, à luz das atuais indicações eclesiais/bíblicas/teológicas. Tais apontamentos são sugestões que parecem válidas e legítimas, diante da pesquisa realizada sobre o tema.

#### 3.3.1 Sacerdote: “Não sejamos uma Igreja que não chora diante dos dramas de seus filhos”<sup>145</sup>.

O sacerdote, como um douto do coração humano e mestre dos mistérios de Deus, deve ter em si os mesmos sentimentos de Cristo Jesus (Fl 2, 5). Isso significa se deixar sensibilizar pelo outro, enquanto outro. É ter a capacidade de se compadecer com a realidade que se lhe apresenta. Ter compaixão é uma característica essencial em um

---

“atributo ontológico” do homem. [...] No modelo atual, a “evidência” de que o homem nasceu para ser feliz e de que deseja isso é tomada como solução, e não como um campo de problemas. Evidentemente uma sociedade baseada no ato do consumo como ontologia e psicologia da felicidade é obrigada a “produzir” uma antropologia simétrica às suas necessidades. Um homem que não seja evidentemente convencido de que nasceu para ser feliz (consumindo bens materiais e serviços) e realizar seus desejos pode não apresentar “atributos ontológicos” necessários para viver nessa sociedade”. (PONDÉ, 2001, p. 227. Nota 51).

<sup>144</sup> Aqui vale o ditado de autoria desconhecida: “o melhor improvisado é aquele para o qual você se prepara a vida inteira”.

<sup>145</sup> CV 75.

sacerdote, pois Cristo se compadeceu da humanidade, assumindo-a na sua encarnação e santificando-a na sua paixão.

A sagrada Escritura evidencia alguns episódios dessa comoção do mestre Jesus que O impelia aos outros. É bastante conhecido o episódio em que Jesus abre mão de seu descanso, porque encontra uma multidão sedenta: “Jesus viu uma numerosa multidão e teve compaixão, porque eram como ovelhas *sem pastor*. Começou, pois, a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6, 34. Grifo nosso). Note-se que ter compaixão foi o início de possibilidade para uma ação. O ato de agir em “favor de” é precedido por uma comoção interna do coração.

O mesmo princípio se apresenta na parábola do Bom Samaritano, que apresenta a história de um homem que precisava, urgentemente, de ajuda. O texto bíblico diz que Ele “viu-o e moveu-se de compaixão” (Lc 10, 33), e, depois, cuidou dele. A compaixão é o que permite ao pastor compreender a dor e o sofrimento daqueles que estão à sua volta e tomar para si as suas dores<sup>146</sup>.

Essa capacidade de ter compaixão - sofrer com - é traduzida, no magistério do Papa Francisco, pela expressão “o dom das lágrimas”. O Papa se preocupa e chama a atenção para este aspecto que a Igreja deve possuir, isto é, a capacidade de chorar e sofrer diante da difícil realidade de seus filhos.

Certas realidades da vida só se veem com os *olhos limpos pelas lágrimas*. Convido cada um de vós a perguntar-se: Aprendi eu a chorar? [...] A misericórdia e a compaixão também se manifestam chorando. Se o pranto não te vem, pede ao Senhor que te conceda derramar lágrimas pelo sofrimento dos outros. *Quando souberes chorar, então serás capaz de fazer algo*, do fundo do coração, pelos outros<sup>147</sup>.

Ter o dom das lágrimas é condição *sine qua non* para ajudar, entender e amar alguém, assim como para ser um bom pai, um pastor e um bom sacerdote. Logicamente, tal apelo papal não é uma apologia cega e desregrada a um sentimentalismo superficial e desequilibrado, mas um apelo para não deixar, no convívio pastoral e ministerial, de ser humano. Só o homem é capaz de ter afetos, sentir e tomar para si o sofrimento do outro, de maneira gratuita. Há, por vezes, estruturas que se tornam enrijecidas, amargas e duras, incapazes de apontar e comunicar o calor e a afetuosidade de Deus, que é amor.

---

<sup>146</sup> “Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” (Is 53, 4-5).

<sup>147</sup> CV 76. Grifo Nosso.

O ato de chorar por alguém, e com alguém, é, na perspectiva das relações humanas, sinal de proximidade, familiaridade e afetuosidade. Seria, certamente, muito difícil, dar a vida e cuidar, zelosamente, do rebanho que lhe foi confiado, se o sacerdote não conseguisse se compadecer, ou se afeiçoar a ele<sup>148</sup>.

Permitir-se sentir não é fraqueza, ao contrário, é grandeza de espírito. Assim narra São João, a passagem da morte de Lázaro, o amigo de Jesus: “Quando Jesus a viu [Maria, irmã de Lázaro] chorar, comoveu-se interiormente e perturbou-se. Ele perguntou: “Onde o pusestes?” Responderam: “Vem ver, Senhor!” E *Jesus teve lágrimas*. Os judeus então disseram: “Vede como ele *o amava!*” (Jo 11, 33-35, grifo nosso). O dom das lágrimas, no sentido de se permitir acessar pelo sofrimento alheio, é pré-requisito para qualquer ato altruísta, porque “chorar com”, “sofrer com”, significa empatia, significa estar diante do outro, não por obrigação, ou por causa do ofício sacerdotal assumido, do qual não se pode fugir, mas é estar diante do outro, que sofre de maneira livre e responsável. Em outras palavras, o dom das lágrimas é a “capacidade do coração que torna possível a proximidade”<sup>149</sup>.

Tal capacidade altruísta, como enriquece Rollo May, deve se mostrar com uma atitude de escuta atenta, livre de preconceitos e sobretudo, sem julgamentos<sup>150</sup>. O Papa Francisco defende que, na vivência pastoral, a obra mais importante é o apostolado do ouvido<sup>151</sup>, isso, porque a escuta corresponde ao estilo humilde de Deus. É através dela que Deus pode: “revelar-Se como Aquele que, falando, cria o homem à sua imagem e, ouvindo-o, reconhece-o como seu interlocutor. Deus ama o homem: por isso lhe dirige a Palavra, por isso inclina o ouvido para o escutar”<sup>152</sup>.

Em um mundo, em que todos querem, desesperadamente, falar, uma escuta atenta e desinteressada, inevitavelmente, poderia levar a Deus. Poderia, também, revelar

<sup>148</sup> Logicamente, não se pretende dizer que se deve amar e dar a vida, somente pelas pessoas que o sacerdote se afeiçoar. O critério, aqui, não são os afetos, mas o dever de ofício. O que se deseja expressar é que o sacerdote deve, sempre, cultivar um olhar compadecido pelo seu rebanho, limpos pelas lágrimas da sensibilidade humana sem nunca perder a grandiosidade do evangelho. Nunca perder aquele brilho no olhar, de um olhar paterno que o impele a agir “em favor de”, sempre a dizer “elas estão como ovelhas sem pastor”.

<sup>149</sup> EG 171.

<sup>150</sup> Sugere-se a leitura do 7º Capítulo “A personalidade do aconselhador”, da Obra “A arte do aconselhamento psicológico”, de Rollo May. Cf. MAY, 2000, p. 139-152.

<sup>151</sup> Cf. Papa Francisco. **Mensagem Para o LVI dia Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com o Ouvido do Coração.** 24 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/20220124-messaggio-comunicazioni-sociali.html>.

<sup>152</sup> Papa Francisco. **Escutar com o Ouvido do Coração.** 24 de janeiro de 2022.

o Seu cuidado amoroso e misericordioso, através daquele que escuta, já que, ouvir o outro é possibilidade de dar força para os aflitos e fracos e ânimo de viver para os desesperados e perdidos<sup>153</sup>. Sem essa abertura humana do sacerdote, de compaixão, empatia e escuta, principalmente, para com aqueles que nenhuma ajuda conseguem receber, nenhuma fala pode ser significativa ou ter efeitos reais, nem na vida de quem escuta, e nem na de quem fala.

*3.3.2 Sacerdote: “É preciso permitir que a alegria da fé desperte uma firme confiança mesmo no meio das piores angústias”<sup>154</sup>.*

Depois desta atitude desinteressada do sacerdote, junto àqueles que chegam até ele para buscar ajuda diante do sofrimento, parece conveniente refletir sobre o sentido do sofrimento cristão. Cabe aqui dizer que, tanto quem sofre com depressão, quanto aquele que tende ao suicídio, participam de um fato irremediável da natureza do homem: o sofrimento humano. O homem é um ser finito, que caminha para a morte, sujeito ao tempo e ao espaço. Nas palavras da *Salvifiti Doloris*: “O campo do sofrimento humano é muito mais vasto, muito mais diversificado e mais pluridimensional. O homem sofre de diversas maneiras”<sup>155</sup>. Tudo isso para dizer que o sofrimento humano é uma realidade, um fato empírico, que atinge todo e qualquer ser humano, quer este queira ou não.

Contudo, no princípio, não era assim. Deus criou o céu e a terra, as plantas e os animais, o homem e a mulher, e “Deus viu tudo que havia feito: e era muito bom” (Gn 1, 31). O sofrimento, na tradição eclesial, sempre foi tratado como fruto do pecado e da desobediência humana (Cf. Gn 3). Destarte, pode-se dizer que o sofrimento não estava no plano original de Deus, mas foi escolha voluntária do homem, ao recusar o projeto de seu Criador.

---

<sup>153</sup> “Recentemente, recebi um telefonema, às três da manhã, de uma senhora, que me contou que já estava determinada a cometer suicídio, mas tinha curiosidade de ouvir o que eu teria a dizer a respeito. Respondi com todos os argumentos a favor da vida, contra tal decisão, conversando com ela por trinta minutos, até a senhora, finalmente, prometer que me faria uma visita no hospital. Mas, quando ela apareceu, revelou que nenhum argumento meu a havia impressionado. A única razão, pela qual ela decidira não cometer suicídio, foi o fato de que, ao invés de ter-me enraivecido, por ela ter perturbado meu sono da madrugada, *eu a ouvi pacientemente*, conversando com ela por meia hora. Ela me disse, então, que um mundo em que algo assim pode acontecer, deve ser um mundo em que vale a pena viver”. (FRANKL, 2011, p. 17 *Grifo nosso*).

<sup>154</sup> EG 6.

<sup>155</sup> SD 5.

Mesmo assim, Deus não quis que este fosse o desfecho final da história de sua criação e não abandonou o homem à sua própria sorte, pelo contrário, mostrou-se fiel, mesmo diante da infidelidade de seu povo. A encarnação do Verbo de Deus iria abraçar todo o sofrimento, indicando que Cristo, ao assumir a humanidade e salvando-a pela sua paixão, ressignificou todo o sofrimento humano.

Antes, o sofrimento era maldição, algo ruim e sem sentido. Agora, o Cristo, o *logos* eterno, deu sentido ao sofrimento humano, quando, pela encarnação e remissão, abraçou completamente a miséria e o sofrimento do mundo, no madeiro da Cruz<sup>156</sup>. Aquilo que era morte, na humanidade, Ele transformou em vida, e o sofrimento, que era maldição e tragédia, Ele transformou em triunfo, santificação e salvação.

O livro de Jó, o livro do justo que sofre, é uma prefiguração da alta teologia cristológica, em relação ao sofrimento. Depois de tanto sofrer, sua confiança em Deus permanece inabalável, e, como consequência, eis que ele descobre o sentido do sofrimento: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem” (Jó 42, 5)<sup>157</sup>. Neste caso, o sofrimento vivenciado foi possibilidade de uma comunhão mais íntima com Deus. Paradoxalmente a fidelidade e a confiança no Deus da Tradição, em meio à dor, ao sofrimento e à morte, fez com que Jó contemplasse, pessoalmente, este mesmo Deus, a ponto de dizer “agora meus olhos O viram”.

Realidade similar é a síntese do sofrimento de José do Egito, que foi vendido, como escravo, por seus irmãos ao faraó. Aos seus irmãos raptos, ele sintetiza a experiência do sofrimento, dizendo: “Não fostes vós que me mandastes para cá, foi Deus [...] mal que vós queríeis fazer-me, o desígnio de Deus o mudou em bem, a fim de cumprir o que se realiza hoje: salvar a vida de um povo numeroso” (Gn 45, 8; 50, 20). Depois de todo o processo, José, olhando para tudo o que lhe acontecera, percebe que Deus transformou as ações más de seus irmãos contra ele, em benefício para todos.

Percebe-se, aqui, a ideia de que existe um sentido salvífico para cada sofrimento<sup>158</sup> que transcende a lógica humana, mas que é organizado pelos desígnios provenientes dos pensamentos infinitos de Deus. É no grito supremo de Cristo, na Cruz:

<sup>156</sup> SD 14ss.

<sup>157</sup> “Não é visão propriamente dita, mas sim uma percepção nova da realidade de Deus, Jó, que possuía de Deus apenas uma ideia transmitida pela tradição, penetrou no mistério, e inclina-se perante Onipotência. [...] Compreendeu que Deus não tem de prestar contas, e que a *sua Sabedoria pode conferir sentido insuspeitado a realidades como o sofrimento e a morte*” (Nota “e” **Bíblia de Jerusalém**, p. 856. Grifo nosso)

<sup>158</sup> SD 1.

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste<sup>159</sup>” (Cf. Mt 27, 26; Mc 15, 34), que se exclama: “*O felix culpa, quae talem ac tantum habere meruit Redemptorem!*”<sup>160</sup>. O mal do pecado desencadeou um bem inenarrável ao gênero humano: de criaturas, os homens passaram a filhos adotivos de seu Criador. Deus muda o mal em Bem, e devolve ao homem muito mais do que ele havia perdido.

O sacerdote tem como missão pastoral ajudar as pessoas, sobretudo, aquelas que sofrem de transtorno depressivo, ou de graves crises existenciais, a fazerem este itinerário espiritual e humano, sobre o sentido do sofrimento cristão em suas vidas. O objetivo é ajudá-las a enxergar o aspecto redentor que existe por trás de todo o sofrimento, afinal, como expressa Santo Agostinho: “Deus nunca permitiria os males dos homens, se Ele não tivesse recursos para tirar dos males bens ainda maiores”<sup>161</sup>.

Essa realidade teológica deve ser o ânimo da fé, diante das piores angústias e dos piores colapsos existenciais, porque, ao final de tudo, a última palavra, para os que creem, nunca é do sofrimento, mas da vida em Deus: “No mundo tereis muitas tribulações, mas tende coragem, *eu venci o mundo*” (Jo 16, 33. Grifo nosso).

Neste ponto, é importante ressaltar que todas as pessoas participam, de maneira direta e indireta, dos sofrimentos de Cristo<sup>162</sup>, e é justamente por isso, que todo o sofrimento pode revelar um sentido para a vida<sup>163</sup>. Não há episódio factual da vida humana, ou algum sofrimento pessoal, que careça de significado à existência<sup>164</sup>.

<sup>159</sup> Os judeus sabiam de cor grandes passagens bíblicas, pois isso os fazia ser um com a palavra do Senhor e, conseqüentemente, com o Senhor Deus. Sendo assim, quando Jesus, no alto da cruz, começa a oração do Salmo 22 (21) “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste”, qualquer judeu desavisado sabe bem, que este salmo tem como conteúdo a confiança extrema e certa em Deus, mesmo diante da dor. Jesus permanece com o Pai, confia no Pai e se entrega totalmente à vontade do Pai. Indubitavelmente, esta é a maior riqueza deste salmo, atualizado e encarnado, na pessoa de Jesus Cristo: O justo sofredor que confia, inabalavelmente, em Deus, sabendo de sua libertação, mesmo sem tê-la ainda. Sendo assim, o salmo 22 (21) é um salmo, não de desespero ou blasfêmia, como muitos imaginam, a ponto de atribuir a Cristo uma certa fraqueza, diante do sofrimento da cruz.

<sup>160</sup> “Ó feliz culpa, que mereceu tal e tão grande Redentor”. Antiga homilia para Sábado Santo: PG 43. 440.452.461 [Sábado Santo, 2ª Leitura do Ofício de Leituras: Liturgia das Horas, s. 2 (Gráfica de Coimbra 1983).

<sup>161</sup> BETTENCOURT, T. Estevão. **Carta ao Redator Chefe do Jornal Brasil**. Mosteiro São Bento: Rio de Janeiro, 11 de junho de 2006.

<sup>162</sup> SD 19.

<sup>163</sup> Mas não devemos jamais esquecer, que podemos descobrir um sentido na vida, mesmo quando nos vemos numa situação sem esperança, na qualidade de vítimas, sem nenhuma ajuda, mesmo quando enfrentamos um destino que não pode ser mudado. O que realmente importa e conta mais é dar testemunho do potencial, unicamente humano, que, em sua forma mais alta, deve transformar uma situação trágica em um triunfo pessoal, deve mudar a situação difícil em que o indivíduo está em um sucesso humano. Quando não temos mais condições de mudar uma situação - pensemos numa doença incurável, um câncer que não pode ser operado - então somos estimulados a mudar a nós mesmos. [...]. Foi só muito mais tarde que eu compreendi verdadeiramente *o sentido do sofrimento*. Ele só tem sentido

Encerra-se este tópico com a concretude de um relato de uma Freira carmelita, que sofria de depressão e pensava em suicídio. Extraído do seu diário, segue a descrição:

A tristeza é o meu companheiro constante. Não me sai nunca da alma, como um peso de chumbo. Onde estão os meus ideais, toda a grandeza, toda a beleza, todo o Bem, que era o fim de todas as minhas aspirações? Tenho só tédio a preencher-me o coração, um tédio em que só me apetece bocejar. Vivo como se me tivessem atirado para o vazio: porque há temporadas em que me é negada a própria dor.<sup>165</sup>

Note-se a melancolia anestésica, presente no texto. A seguir, aparecerá o sentimento de vazio e o desejo de morte na continuação do relato da irmã religiosa: “Nesta tortura, eu chamo por Deus, que é nosso Pai. Mas Ele fica calado. Para falar a verdade, só queria uma coisa: Morrer, - hoje mesmo se fosse possível”. Eis a grande virada sobre o sentido do sofrimento:

Se eu, graças à minha fé, não tivesse consciência de que não sou dona da minha vida, com certeza que já teria acabado com ela muitas vezes. Nesta fé, começa a desvanecer-se toda a amargura do sofrimento. Realmente, quem pensa que uma vida humana tem que ser sempre um andar de êxito em êxito, assemelha-se a um tolo que, postando-se diante duma obra arquitetônica e vendo cavar a fundo os alicerces, começa a abanar a cabeça, maravilhado de que dali precisamente vá emergir uma catedral. Deus constrói para ele um templo em cada alma humana. Em mim, começou agora a abrir os cavoucos para os alicerces. Portanto, a minha missão é apenas esta: *oferecer-me voluntariamente às suas enxadadas*<sup>166</sup>.

3.3.3 Sacerdote: “Deus convida-te a fazer o que podes e a pedir o que não podes”<sup>167</sup>.

Um sacerdote que cuida do seu rebanho, não por coação, mas de coração generoso (I Pd 5, 2), certamente deve fazer tudo o que estiver ao seu alcance, para livrar uma alma aflita de um sofrimento sem sentido e salvar uma vida de uma interrupção prematura. Seguramente, tal empreitada pastoral tem como objetivo conduzir a pessoa a Deus e ajudar, a quem sofre, a crescer na práxis sobre Jesus<sup>168</sup>. É no caminho com o

quando *quem sofre muda para melhor*. Eis aí, ele acabou reconhecendo o sentido de seu sofrer: *este o mudou*. (FRANKL, 1989, p. 33. Grifo nosso).

<sup>164</sup> FRANKL, 2015, p. 26.

<sup>165</sup> FRANKL, 1989b, p. 273.

<sup>166</sup> FRANKL, 1989b, p. 273-244. Grifo nosso.

<sup>167</sup> GE 49.

<sup>168</sup> MIRANDA, 2009, p. 20.



Mestre, conversando sobre as Escrituras, que todo o medo, tristeza e sofrimento desaparecem: “Não ardia nossos corações enquanto Ele falava pelo caminho?” (Lc 24, 32).

É missão pastoral do sacerdote ser essa figura facilitadora do encontro das pessoas, que passam por graves sofrimentos, com Cristo, a fim de que possam ouvir, da boca do mestre, um “Talita cumi - eu ordeno-te, levante-te!” (Mc 5, 22). Sobre estes encontros de acampamento com o sacerdote, Barry revela: “São ocasiões privilegiadas para a reflexão em nossa experiência para nela descobrir o “rumo dos anjos” [...] Essas sessões são, na verdade, solo sagrado”<sup>169</sup>.

Contudo, sabe-se bem que acompanhar pessoas com transtorno depressivo é desafiador. E pode ser ainda mais complicado, atender pessoas que estão em uma situação de conflitos e pensam em cessar a própria vida. Não se pode negar, e nem mesmo subestimar, o alto grau de responsabilidade que existe, além da seriedade desses casos. Recomenda-se exercer, nos casos mais sérios e graves, uma pastoral de conjunto, isto é, considerar, seriamente, a atuação simultânea, no atendimento pastoral, de um profissional de saúde<sup>170</sup>. Pois,

a ajuda espiritual não pode ser pautada pelo sentimento de piedade. Significa que não basta tentar ajudar alguém movido pelo sentimento de piedade, pois precisa haver profissionalismo, por meio da escuta atenciosa, em relação ao que a pessoa verbaliza enquanto dificuldade. Em seu dizer [Raguin], cabe ao diretor espiritual perceber que dependendo da situação precisa recorrer a uma ajuda técnica, de modo especial à psicologia, quando necessário.<sup>171</sup>

O que se espera do sacerdote, não é que ele seja psicólogo ou psiquiatra, mas que ele saiba discernir, tendo uma reta antropologia e uma equilibrada formação humana, em quais situações se deve encaminhar um fiel para o psicólogo ou psiquiatra e informar a família. Nesse sentido, para o bom funcionamento da pastoral de conjunto, é preciso trabalhar com uma visão integral da pessoa humana, entendendo que as ciências, com todo o exercício da razão, também provêm de Deus e estão a serviço da vida humana<sup>172</sup>.

---

<sup>169</sup>BARRY, 2005, p. 55.

<sup>170</sup> OT 2.

<sup>171</sup> SANTOS, 2012, p.106.

<sup>172</sup> “Não há motivo para haver concorrência entre a razão e a fé: uma implica a outra, e cada qual tem o seu espaço próprio de realização [...] (FR 17). A fé não teme a razão, mas solicita-a e confia nela. Como a graça supõe a natureza e leva-a à perfeição, assim também a fé supõe e aperfeiçoa a razão. Esta,

O imperativo, neste momento, é fugir dos extremos. Não seria legítimo, pensar que a fé, somente e por si mesma, e desconsiderando tudo aquilo que é razoável e prudente à razão humana, fosse suficiente para enfrentar situações difíceis e delicadas, como realidades humanas que envolvam suicídio e depressão. O mesmo acontece com caminhos humanos de tratamento, que descartam, completamente, a fé. Bom senso é a chave para uma boa pastoral do sacerdote, que atende pessoas com depressão e pensamentos suicidas, pois como diz Einstein: “A ciência sem a religião é manca e a religião sem a ciência é cega”<sup>173</sup>. Sendo assim, reinterpreto o seu sentido hermenêutico, segue-se a orientação do Papa Francisco: “Deus convida-te a fazer o que podes e a pedir o que não podes”<sup>174</sup>

---

iluminada pela fé, fica liberta das fraquezas e limitações causadas pela desobediência do pecado, e recebe a força necessária para elevar-se até o conhecimento do mistério de Deus Uno e Trino” (FR 43).

<sup>173</sup> FRANKL, 2019, p. 322.

<sup>174</sup> GE 49.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação às periferias humanas, é importante que se compreenda bem a complexidade de suas inúmeras realidades, além das suas infinitas possibilidades, no campo social, que podem se apresentar diante do ministério pastoral do sacerdote. Também, longe de querer estabelecer um pensamento utópico e irreal da própria prática pastoral sacerdotal, é salutar que se entenda que não há receita pronta, nem caminho fácil, confortável e sem riscos quando se trata de acompanhar pessoas com transtorno depressivo e tendência ao suicídio.

Os discursos e as reflexões aqui apresentados, indicaram, claramente, que o sacerdote, como o representante da Igreja, pode ajudar o homem a se reconciliar consigo mesmo, na medida em que o inspira a se abrir, a fim de se encontrar o sentido do sofrimento, em Cristo Jesus. Todavia, o sacerdote só estará apto a ajudar, se puder admitir que tem consciência de que carrega nos ombros o conhecimento e a grandeza da Instituição Sagrada e milenar, à qual ele se vinculou, perpetuamente. O caminho do sacerdote é deixar-se lapidar pela Igreja, de modo a se tornar um sacerdote douto dos mistérios de Deus e mestre do coração humano.

O suporte sacerdotal, por meio da compaixão, da resignificação do sofrimento e da pastoral em conjunto, ao lado das pessoas que sofrem conflitos psíquicos, se torna uma âncora existencial sem precedentes<sup>175</sup>. Em outras palavras, diante dos turbilhões dos conflitos humanos e crises existenciais, a pessoa encontra, como ponto de estabilidade existencial e emocional, a fé e a certeza de amparo, acolhimento e incentivo em um Deus que não deixa seus filhos à mercê da tempestade da vida. Mesmo que pareça, aos olhos humanos, que se está abandonado, deve-se confiar. No sacrifício do Filho, o Pai estava lá. Ele não O abandonou frente ao sofrimento<sup>176</sup>.

Não há outro caminho, senão reconhecer a validade espiritual, psicológica e social da missão da Igreja, realizada por numerosos sacerdotes. São incontáveis os sacerdotes que, no silêncio do cotidiano e no trabalho sem holofotes, cuidam dos fieis como o Bom Pastor. A estes sacerdotes escreve o Papa Francisco:

---

<sup>175</sup> FRANKL, 1992, p. 59.

<sup>176</sup> Abraão tomou a lenha do holocausto e a colocou sobre seu filho Isaac, tendo ele mesmo tomado nas mãos o fogo e o cutelo, e *foram-se os dois juntos*. (Gn 22, 6. Grifo nosso). Eles foram juntos. O sacrifício do Filho é o sacrifício do Pai.

Seria injusto não reconhecer que tantos sacerdotes, de maneira constante e íntegra, oferecem tudo o que são e têm pelo bem dos outros (cf. 2 Cor 12, 15) e vivem uma paternidade espiritual capaz de chorar com os que choram. [...] Reconheço e agradeço o vosso exemplo corajoso e constante que, em momentos de turbulência, vergonha e sofrimento, nos mostra que vós continuais a entregar-vos com alegria pelo Evangelho.<sup>177</sup>

Em alguns casos, há notícias de sacerdotes, que até descuidam da própria saúde, por causa da dedicação pastoral ao outro, que sofre. Segundo os dados de 2010, tem-se 18 mil sacerdotes no Brasil e mais de 100 milhões de fiéis. Fazendo uma distribuição igualitária – isso pensando numa distribuição justa, pois sabe-se que, concretamente, não é assim – daria mais de 5555 fiéis para cada sacerdote atender<sup>178</sup>. A demanda é extremamente grande, para poucos sacerdotes. É exatamente nesse momento, que se pode perceber a dimensão sacrificial da liturgia, transposta para a vida: “Este é o meu corpo... que será entregue por vós [...] o meu sangue [...] por vós”. A entrega do sacerdote pelos que sofrem, se une à entrega de Cristo pela humanidade.

Esse aspecto teológico da vida sacerdotal, dentre muitos outros, aponta para uma realidade que vai para além do psicofísico, aponta o transcendente, o imaterial, aponta Deus mesmo. Aqui, retoma-se as pesquisas de Durkheim, as quais constataram uma sensibilidade humana que “é um abismo sem fundo que nada é capaz de preencher”<sup>179</sup>. O autor está certo, ao constatar que existe um clamor existencial no homem, ao qual nada que seja material pode preencher, ou satisfazer, somente a dimensão imaterial. O homem, na facticidade da existência, pede o transcendente, pede por Deus. Como bem disse Santo Agostinho: “Fizeste-nos para Ti e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em Ti”<sup>180</sup>.

É imperativo devolver ao homem contemporâneo a verdade sobre a sua natureza, isto é, de fazê-lo perceber que sua referência para a vida não pode estar dentro dele mesmo, mas fora, numa realidade que ultrapasse o psicofísico. Aos cristãos, o sentido da vida é o próprio Cristo. Ele é a medida do falar, pensar e viver. A vida dos sacerdotes, seu agir e seu viver nas comunidades, é um remédio para a grande crise

<sup>177</sup> FRANCISCO, Papa. **Carta aos Presbíteros por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do Cura D’ars**. 4 de agosto de 2019.

<sup>178</sup> CNBB: In: <https://www.cnbb.org.br/voce-sabe-quantos-padres-temos-no-brasil-vamos-fazer-uma-conta/>.

<sup>179</sup> DURKHEIM, 2000, p. 313.

<sup>180</sup> AGOSTINHO, 2002, p. 29.

existencial e humana, sobretudo, na forma do transtorno depressivo e pensamento suicida<sup>181</sup>.

A vida doada é um convite humano para sair de si mesmo e passar a viver por uma causa maior do que si próprio. Viver por um propósito que ultrapasse a si mesmo, além de ser terapêutico, é evangélico. Logicamente, os problemas do mundo não vão se revolver instantaneamente, mas, sem sombras de dúvidas, acolher a Deus, o Transcendente por excelência, e viver por uma causa, que vai além de si mesmo, para suportar e superar os grandes sofrimentos, dores, traumas e medos da vida é um grande passo inicial.

Por fim, deseja-se concluir a presente reflexão, com a história contada pelo Bispo Gerg Moser:

Alguns anos após a segunda Mundial, um médico atendeu uma mulher judia que usava um bracelete com os dentes de leite incrustados em ouro de seus filhos. “Que bracelete bonito”, disse o médico. “Sim”, respondeu a mulher, “este dentinho é da Miriam, este da Ester, este de Samuel...” Ela recitou os nomes de suas filhas e filhos por idade. “Nove filhos”, ela acrescentou, “e todos foram levados para a câmara de gás”. Consternado, o médico perguntou: “como a senhora pode conviver com esse bracelete?” Calmamente a mulher respondeu: “Assumi a direção de um orfanato em Israel<sup>182</sup>.”

---

<sup>181</sup> Isso não significa que não há casos de sacerdotes com depressão e com pensamentos suicidas.

<sup>182</sup> FRANKL, 1992, p. 81.

## REFERÊNCIAS

AARON T, Beck; A. JOHN, Rush; BRIAN, F. Shaw; GARV, Emery. **Terapia Cognitiva da Depressão**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Martim Claret, 2002.

BAHLS, Saint-Clair. **Depressão: Uma Breve Revisão dos Fundamentos Biológicos e Cognitivos**. Interação, Curitiba, v. 3, p. 49 a 60, jan./dez. 1999.

BARRY, A. William. **A Direção Espiritual e o Encontro com Deus**. Edição Loyola: São Paulo, 2005.

BETTENCOURT, T. Estevão. **Carta ao Redator Chefe do Jornal Brasil**. Mosteiro São Bento: Rio de Janeiro, 11 de junho de 2006.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Nova edição, revista. São Paulo: Paulinas, 1989.

BOFF, Clodovis. **O Livro do Sentido**. Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítico v1). São Paulo: Paulus. 2014.

BOTEGA, Neury José. **Crise Suicida: Avaliação e Manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BRIGHENTI, Agenor. **A Pastoral dá o que pensar: A inteligência da prática transformadora da fé**. 2. Ed. São Paulo Paulinas; Valência, ESP Siquem, 2011.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: Perversão e Subversão**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

CAMUS, Albert. **El mito de Sísifo**. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

**CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. Petrópolis: Vozes, 1993. (Referenciado CEC).

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2009. (Referenciado DAp).

**CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO**. S. Paulo: Loyola, 2017. (Referenciado CIC).

**CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II**. Constituições, decretos, declarações. 26a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Dogmática “*Lumem Gentium*” sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 1965. (Referenciado LG).

Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituição Pastoral “*Gaudium Et Spes*” sobre a Igreja no Mundo Atual. São Paulo: Paulinas, 1965. (Referenciado GS).

Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Decreto “*Presbiterorum Ordinis*” sobre o ministério e a vida dos presbíteros. São Paulo: Paulinas, 1965. (Referenciado PO).

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio: Estudo de sociologia**. 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FIRESTONE, Shulamilh. **A dialética do Sexo. Um manifesto da revolução feminista**. Rio de Janeiro: Labos. 1976.

FORTE, Bruno. **A Trindade como História. Ensaio sobre o Deus**. 2ª Ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

FRANCISCO, Papa. **Carta aos Presbíteros por ocasião dos cento e sessenta anos da morte do Cura D’ars**. Roma, em São João de Latrão, 4 de agosto de 2019. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco\\_20190804\\_lettera-presbiteri.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190804_lettera-presbiteri.html). Acesso: Agosto de 2022.

FRANCISCO, Papa. **Mensagem Para o LVI dia Mundial das Comunicações Sociais: Escutar com o Ouvido do Coração**. 24 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/2022-01-24-messaggio-comunicazioni-sociali.html>.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Evangelii Gaudium* do Santo Padre Francisco Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. 1ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2013. (Referenciada EG).

FRANCISCO. Carta Encíclica *Gaudete Et Exsultate* do Santo Padre Francisco Sobre o chamado a Santidade no mundo atual. 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 2018. (Referenciada GE).

FRANCISCO. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit* do Santo Padre Francisco aos jovens e a todo o povo de Deus. 1ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2019. (Referenciado CV).

FRANKL, E. Viktor. **Teoria e Terapia das neuroses. Introdução à Logoterapia e à Análise Existencial**. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, E. Viktor. **A Presença Ignorada de Deus**. 2. Ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

FRANKL, E. Viktor. **A Vontade de Sentido. Fundamentos e aplicações da logoterapia**. 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, E. Viktor. **Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração**. 17ª Ed. São Leopoldo: Sinodal/Vozes, 2003.

FRANKL, E. Viktor. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver**. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, E. Viktor. **O Sofrimento humano. Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. 1. Ed. São Paulo: É Realizações, 2019.

FRANKL, E. Viktor. **Psicoterapia e Sentido da Vida**. Fundamentos da logoterapia e Análise Existencial. 3. Ed. São Paulo: Quadrante, 1989b.

FRANKL, E. Viktor. **Um Sentido Para a Vida: Psicoterapia e Humanismo**. 8 ed. São Paulo: Editora Santuário, 1989.

FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico**. Obras Completas de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GERALDO, B. Hackmann; AMARAL, Miguel de Salis. **As Constituições do Vaticano II, Ontem e Hoje**. Org., Edições CNBB, 2015.

GOFF, Jacques Le. **A civilização do ocidente medieval**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2016.

GRUN, Anselm. **A orientação espiritual dos Padres do Deserto**. Petrópolis: Editora Vozes. 2013.

JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Salvifici Dolororis* do Santo Padre João Paulo II Sobre o Sentido Cristão do Sofrimento Humano. (Referenciado SD).

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Fides et Ratio* do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos da Igreja Católica sobre as relações entre Fé e Razão. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 1998. (Referenciado FR).

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a formação dos sacerdotes. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1992. (Referenciado PV).

KOYRÉ, Alexandre. **O significado da síntese newtoniana**. Trad. por Vera Ribeiro: Rio de Janeiro: EdUERJ / Contraponto, 2002. Disponível em: <<[https://filosofiadacienciaufabc.files.wordpress.com/2011/03/koyre\\_significado\\_da\\_sintese\\_newtoniana.pdf](https://filosofiadacienciaufabc.files.wordpress.com/2011/03/koyre_significado_da_sintese_newtoniana.pdf)>>. Acesso em abril de 2022.

LADARIA, Luis. **O Deus vivo e verdadeiro, o mistério da Trindade**. 4 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LASTA, Sérgio. **Quando um sacerdote se sente dessubjetivado**. Revista Expediente. V. 79, n. 1(Jan/Jun. 2022). Santa Maria: Biblos, 2022.

LATOURELLE, R. **Teologia da Revelação**. 3. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

**LITURGIA DAS HORAS V. 2** Segundo o Rito Romano (Ofício Divino).Vozes; Paulinas; Paulus; Ave Maria, 2000. Antiga homilia para Sábado Santo: PG 43,



439.451.462-46. **A descida do Senhor à mansão dos mortos. 2ª Leitura do Ofício de Leituras.** p. 439-440.

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014 (Referenciado DSM-5).

MARTINS, Breno Silva. **O conceito de Supra Sentido na Logoterapia de Viktor Frankl: uma abertura à Teologia cristã.** Filoteológica, Feira de Santana, v. 01, n. 2, p. 32-51, jul.-dez. 2021. Disponível em: <http://revistafiloteologicafcfs.educacao.ws/index.php/RFTCF/article/view/53>.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843.** 2.Ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

May, Rollo. **A arte do aconselhamento psicológico.** Petrópolis: Vozes. 2000.

MIRANDA, Tomás Rodriguez. **A direção espiritual: pastoral do acompanhamento espiritual.** São Paulo: Paulus, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal.** São Paulo: Editora Escala, 2013.

**O TOMUS AD FLAVIANUM. DO PAPA S. LEÃO I MAGNO.** Revista De Magistro de Filosofia Ano VIII no. 16 – 2015/2.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PONDÉ, Luiz Felipe. **O homem insuficiente: Comentários de Antropologia Pascaliana.** São Paulo: Edusp, 2001.

**Pontifical Romano.** Ordenação dos Presbíteros. p. 82. In: <https://www.liturgia.pt/pontificais/Ordenacoes.pdf>.

RATZINGER, Josef. **Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o Símbolo Apostólico.** 2 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RATZINGER, Josef. **Jesus de Nazaré: Da entrada a Jerusalém até a Ressurreição.** São Paulo: Editora Planeta, 2011.

RATZINGER, Josef. **Jesus de Nazaré: Do Batismo no Jordão a Transfiguração.** São Paulo: Editora Planeta, 2007.

RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio. **Relatório Sobre a Fé.** São Paulo: Escola Ratzinger, 2021

RENÉ, Descartes. **Discurso do método.** 4. Ed. São Paulo: nova cultural, 1987.

SANTOS, Elismar Alves. **Psicologia da Religião. Direção Espiritual e Realização Humana.** Goiânia: Editora Scala, 2012.

SGANZERLA, Anos; FALABRETTI, Ericson; BOCCA, Francisco Verardi. **Ética em movimento**: Contribuições dos grandes mestres da filosofia. São Paulo: Paulus, 2009.

SGRECCIA, Elio. **Manual de Bioética: Fundamentos e éticas biomédicas I**. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

TOMÁS DE AQUINO. **O ente e a essência**. *De ente et essentia*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 12º Ed. Civilização Brasileira. 1990.

WIKER, Benjamin. **Dez livros que estragaram o mundo e outros cinco que não ajudaram em nada**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

WOODS. Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2008.